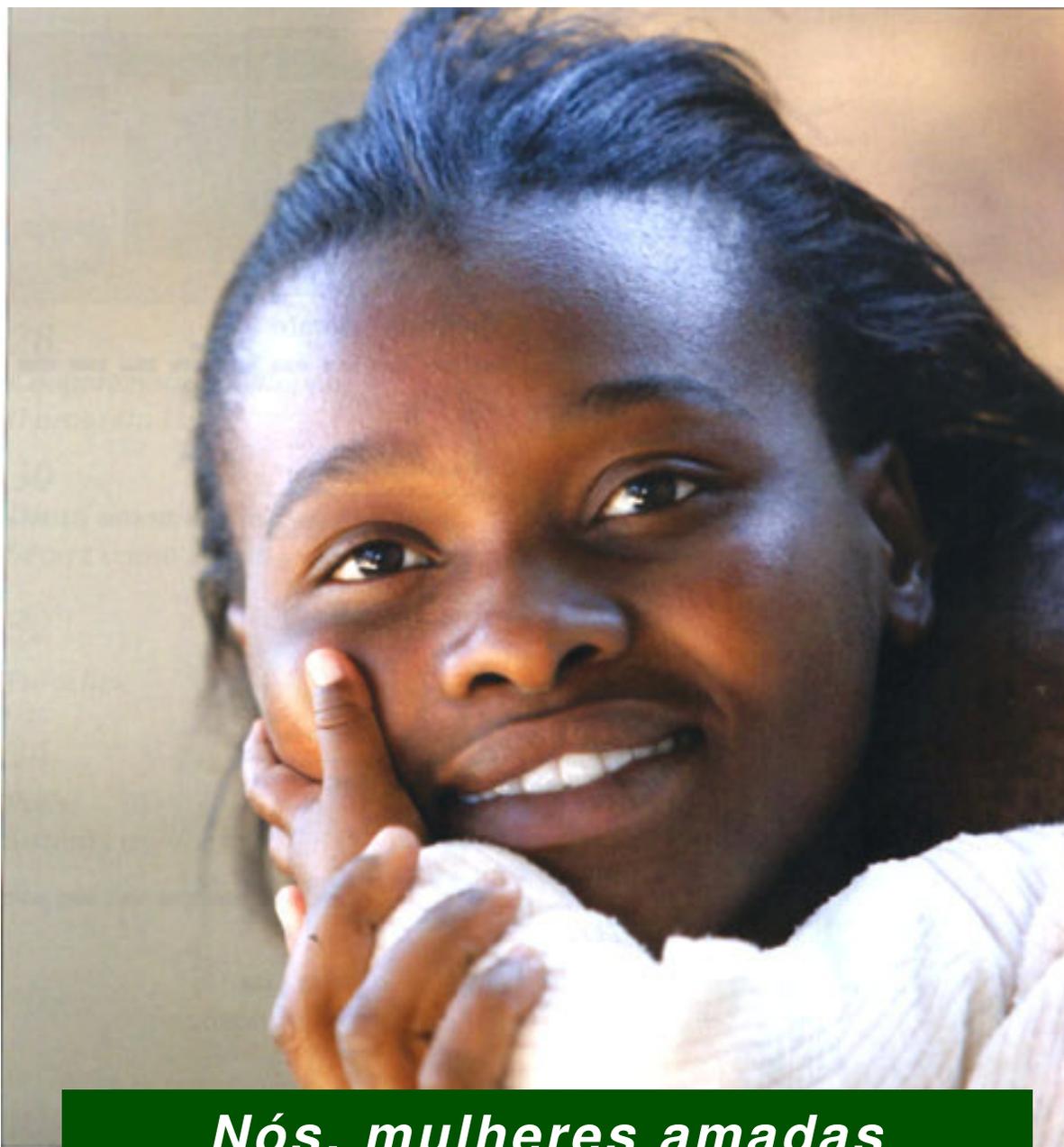


DMA

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora



Nós, mulheres amadas

03 / 04 – março/abril – 2008

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariiv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eylenein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - ispettoria giapponese

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - ispettorie austriaca e tedesca

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Sumário

Editorial	<i>Podemos ainda salvar alguém</i>	4
Dossiê	<i>Nós, mulheres amadas</i>	5
A Lâmpada	<i>Abre o coração</i>	9
O Evangelho na vida	<i>Um encontro luminoso</i>	11
Diálogo	<i>O diálogo da vida</i>	12
Fio de Ariadne	<i>Da prestação à dedicação</i>	14
Cooperação e desenvolvimento	<i>O projeto Lviv</i>	17
Direitos humanos e vida consagrada	<i>Escorra como água o direito</i>	18
Foto Click		21
Polis	<i>Sistema democrático em crise?</i>	23
Jovem.com	<i>Você usa YouTube?</i>	25
O Ponto	<i>Uma mulher que plantava árvores</i>	27
Estante Sites	<i>Resenha sites Web</i>	28
Vídeo	<i>Rosso Malpelo</i>	29
Estante	<i>Resenha vídeos e livros</i>	31
Livro	<i>Filha do Silêncio</i>	34
Camilla	<i>Eu, mulher</i>	36

EDITORIAL

Podemos ainda salvar alguém

Giuseppina Teruggi

Ir. Anne Thole, religiosa da Suazilândia, criada na África do Sul, tinha 35 anos quando perdeu a própria vida na tentativa de salvar a de outros. Dedicava os fins-de-semana aos doentes aidéticos, juntamente com as Noviças das quais era responsável. No curso de um incêndio, deflagrado na estrutura do abrigo dos doentes terminais, conseguiu salvar alguns. Mas, voltando ao prédio na tentativa de salvar outros, improvisamente o teto ruiu matando-a. "Podemos ainda salvar alguém" foram suas últimas palavras, enquanto seguia em direção aos internos que haviam ficado aprisionados.

Entre os missionários que sofreram morte violenta em 2007, Ir. Anne foi a única mulher. Testemunha de um amor que chega à expressão máxima. Os jornais quase não falaram dela. Mas o seu gesto ultrapassou os confins da terra africana e gritou ao mundo que viver o evangelho é possuir um amor tão grande capaz de *dar a vida*.

Como Ir. Anne, muitíssimas mulheres hoje testemunham com *radicalidade* esta escolha evangélica. Porque a vocação da mulher é essencialmente dar vida e dela cuidar.

Estamos comemorando os 20 anos da Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*. Entre as tantas iniciativas, notável a organizada pelo Conselho Pontifício para os Leigos, que quis evidenciar a urgência de "uma autêntica promoção da mulher". Bento XVI, numa audiência da quarta-feira, afirmava: "Em boa conclusão, a história do cristianismo teria tido um desenvolvimento bem diferente se não fosse a generosa contribuição de muitas mulheres. Por isso, como escreveu o meu venerado Predecessor João Paulo II na Carta apostólica *Mulieris dignitatem*, a Igreja rende graças por todas e por cada uma das mulheres" (14/02/2007).

Neste número da Revista focamos a reflexão sobre o nosso chamado a ser mulheres consagradas, sinal e expressão do amor de Deus. Como Maria de Nazaré. Mulheres que sabem evocar acolhida, cuidado, promoção de cada vida. Que sabem receber e potenciar as sementes de vida já presentes nas várias culturas. E, por isso, são irmãs e mães dos jovens, sobretudo.

Folheando as circulares da Madre, fica-se tocada pela insistência com que é afirmado o tema da vida. A Madre revela como amiúde, hoje, a vida esteja ameaçada do ponto de vista ecológico, econômico, social, político, educativo. "No entanto, Deus é amante da vida e a sua glória é o homem vivo. Cabe a nós escolher caminhos de vida ou de morte. [...] Escolher uma espiritualidade pela vida é percorrer a senda do amor no cotidiano, habitar a própria história. [...] Salvar uma vida não significa pretender resolver todos os problemas de modo rápido e definitivo, mas cuidar do momento presente como espaço concreto de amor que alcança a pessoa nas suas aspirações e nas suas necessidades mais profundas" (C 883).

É esta a nossa vocação de mulheres consagradas, pois a cada momento *podemos ainda salvar alguém*.

gteruggi@cgfma.org

DOSSIÊ

Nós, mulheres amadas

Martha Séide

«No desígnio eterno de Deus, a mulher é aquela em quem a ordem do amor, no mundo criado das pessoas, encontra um terreno para a sua primeira raiz. A ordem do amor pertence à vida íntima do próprio Deus, à vida trinitária. A dignidade da mulher é medida pela ordem do amor, que é essencialmente ordem de justiça e de caridade» (Mulieris Dignitatem, n. 20).

Escolhidas para amar

A mulher, chamada desde o princípio a ser amada e a amar, *encontra* na vocação à virgindade o Cristo como o Redentor que «amou até o fim» por meio do dom total de si. Tal vocação propõe o ideal da consagração por causa dos conselhos evangélicos da castidade, pobreza e obediência. Não se pode compreender retamente a consagração da mulher na virgindade, sem fazer referência ao amor sponsal: de fato, é num amor semelhante que a pessoa se torna um dom para o outro.

Este dinamismo do amor que caracteriza a vida consagrada, tem na história da Igreja e na história da nossa congregação numerosos testemunhos.

“Obrigada, irmã, por dar-me uma casa e uma família que jamais tive”. Esta é uma das expressões mais comuns, afirma Irmã Marivic, que as meninas e as adolescentes do centro *Laura Vicuña* das Filipinas dirigem a nós FMA da obra. Assim, nós mulheres amadas, procuramos ser sinais do amor recebido fazendo-nos irmãs e mães. É fascinante perceber a força transformadora do amor, que é capaz de ajudar estas pequenas mulheres a recuperar a própria dignidade de pessoas, a reencontrar em Deus a paternidade e em Maria a mãe desejada. Com a nossa consagração religiosa, podemos experimentar e viver plenamente a maternidade, ajudando estas criaturas a crescer de modo saudável, tornando-as conscientes dos seus direitos e aptas a defendê-los. Podemos, acima de tudo, levá-las à descoberta de Deus e do seu plano de amor sobre cada uma.

Na preparação à Assembléia Plenária UISG de 2007, que reuniu 850 superiores gerais das congregações religiosas femininas, uma religiosa responde a uma das perguntas evocando a categoria do amor como eixo transversal e totalizante da vida consagrada: “A profissão dos votos religiosos torna-nos, particularmente confiáveis como pessoas consagradas. Desde que o nosso estilo de vida testemunhe a transparência do amor (castidade), a gratuidade do amor (pobreza), o serviço do amor (obediência): para além das tomadas de posições oficiais, disponibilizamos assim, no ambiente vital em que se desenvolve a existência de todos, um modelo alternativo”.

A religiosa deve poder encontrar em primeiro lugar no âmbito da comunidade a ocasião de viver em liberdade e plenitude a própria riqueza afetiva. As relações entre irmãs devem ser caracterizadas por «um amor profundamente humano na forma e sobrenatural nos motivos», escreve Bruno Giordani, religioso da Ordem dos Frades menores. Condição necessária para que uma pessoa viva este amor é que se sinta amada. Supondo que não percebesse ao seu redor uma atmosfera de afetuosa acolhida, o sentir-se amada por Deus a tornará capaz de amor gratuito.

Irmã Maria, fma do Vietnam, evoca a sua experiência. “Experimento o amor de Deus em tantos gestos de bondade, de paciência, de escuta, ajuda e apoio, sobretudo por parte das irmãs com as quais convivi nas comunidades nestes meus primeiros anos de vida religiosa. Posso dizer que a experiência cotidiana da missão e da vida comunitária é para mim um verdadeiro laboratório onde

aprendo também eu a ser benévola, acolhedora, paciente com os outros especialmente com os jovens. Gosto de lembrar uma irmã já idosa com quem trabalhei no oratório: era admirável o seu modo de unir a doçura e a firmeza. Tendo um temperamento pronto, de início causava intimidação, mas no contato percebia-se uma mansidão excepcional. Em sua companhia aprendi a relacionar-me com as moças e os rapazes até mesmo com os mais difíceis e a tornar-me também eu amiga, irmã e companheira deles na caminhada educativa”.

Ir. Maria Joice, fma da Inspetoria de Chennai-India, atualmente estudante na Pontifícia Faculdade *Auxilium* em Roma, conta a dolorosa experiência da morte do pai depois de quatro dias de sua chegada. Afirma entre outras coisas: «Experimentei a bondade e o amor de Deus de modo excepcional através da comunidade. Cada uma e todas as irmãs procuravam consolar-me e compartilhar a minha dor. Mesmo não compreendendo ainda a língua italiana, cada gesto falava-me de amor, aproximação, fraternidade. Senti de modo tangível a força da oração e do espírito de família manifestado em tantos gestos, a começar da Madre geral até a última irmã das outras três comunidades».

O feminino do amor

O conceito do amor feminino, segundo Joana da Cruz, monja carmelita, «não é de tipo racional, mas afetivo; não de tipo abstrato, mas concreto, prático no cotidiano e, sobretudo, quando se trata da mulher consagrada, é auto-realização na direção de sua interioridade».

Portanto, o amor, continua a Autora, deve ser valorizado «como a mais alta busca e expressão da feminilidade». Deus deu o amor à criatura humana como a *coisa maior que existe* (cf 1 Cor 13, 13) e que lhe torna possível a mais bela tendência a *ser para e com os outros*.

Pensar o amor no feminino é evocar antes de tudo vida, acolhida incondicional, maternidade. De fato, a mulher é aquela que acolhe, guarda e promove a vida.

A mulher realiza-se no dom de si mesma e a isto se empenha com toda a sua sensibilidade, inteligência e vontade. Um exemplo sublime do dom de si por meio da aceitação do outro, encontramos em Maria aos pés da cruz.

Ir. Teresita, fma de nacionalidade argentina, conta-nos nesta lógica a sua experiência de maternidade durante a missão de professora, assistente, reitora, diretora e inspetora: «Penso que a maternidade é uma realidade que pode ser vivida em plenitude na vida consagrada. O Senhor deu-me este dom na capacidade de amar incondicionalmente as crianças, os adolescentes, os professores, os pais e as irmãs da comunidade.

Muitas dentre as minhas alunas tornaram-se religiosas ou professoras e são educadoras excelentes.

Vi com satisfação que moços e moças com muitos problemas durante o período de crescimento em nossos centros educativos, mudaram o seu modo de agir com os próprios filhos e nos valorizaram com palavras comoventes como estas: «Aprendi muito com ela, mas acima de tudo ajudou-me a me preparar para a vida». «O seu olhar, a sua ternura, o seu companheirismo ajudaram-me a me levar a sério, a tornar-me responsável, a me voltar para Deus». «Eu a observei tantas vezes e o seu modo de ser tão simples e humano levou-me a me questionar sobre a possibilidade de voltar para a Igreja da qual eu me havia afastado». Continua Ir. Teresita: «Sempre tive consciência da necessidade de deixar o outro crescer, acreditando nas suas potencialidades, acolhendo cada um como é, sem buscá-lo para mim».

Ir. Charo fma espanhola, evoca assim a sua experiência: «Creio no amor e na gratuidade, creio no Senhor que me ensinou a amar. Somente a partir do coração pode-se falar do amor, dar a vida e deixar-se conquistar pelo coração das crianças, jovens e irmãs. São rostos concretos, imagens vivas, palavras, gestos de afeto, mão amiga, escuta atenta. Nunca se envelhece quando se vive como mãe, professora, amiga. Os jovens e as jovens da escola conquistaram-me o coração, eles

partem levando algo de nós, mas nós permanecemos com a alegria de deixar crescer os seus sonhos de liberdade».

Os rostos do amor no feminino

A mulher com freqüência é definida como um ser com muitos rostos devido à pluralidade dos empenhos assumidos e resolvidos no cotidiano. Porém, para além de toda diversidade há qualquer coisa que permite falar uma linguagem comum: o ser mulher e fazer a experiência de o ser.

João Paulo II na sua Carta às Mulheres por ocasião da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim em 1995, agradeceu às mulheres recordando alguns traços que lhe são peculiares. Permito-me parafrasear algumas de suas expressões de agradecimento transformando-as num percurso de santidade onde a mulher possa felizmente redescobrir a vocação profunda da própria existência e empenhar-se para vivê-la em plenitude.

Ao evocar os rostos do amor no feminino podemos contemplar:

- O rosto da *mulher-mãe*, que se faz seio para o ser humano na alegria e na dor de uma experiência única, que se torna sorriso de Deus para a criança que vem à luz, faz-se guia dos seus primeiros passos, suporte do seu crescimento, ponto de referência no seqüencial caminho da vida.
- O rosto da *mulher-esposa*, que une irrevogavelmente o seu destino ao de um homem, numa relação de dom recíproco, a serviço da comunhão e da vida.
- O rosto da *mulher-filha*, que leva ao núcleo familiar e depois ao complexo da vida social as riquezas de sua sensibilidade, intuição, generosidade e constância.
- O rosto da *mulher-irmã* que no dia-a-dia sabe ver com o coração para além de toda esperança e ir ao encontro das irmãs e dos irmãos apesar das dificuldades.
- O rosto da *mulher-trabalhadora*, empenhada em todos os âmbitos da vida social, econômica, cultural, artística, política, para dar a sua indispensável contribuição na elaboração de uma cultura capaz de conjugar razão e sentimento, aberta ao sentido do «mistério», orientada para a edificação de estruturas econômicas e políticas mais ricas de humanidade.
- O rosto da *mulher-consagrada* que, a exemplo da maior das mulheres, a Mãe de Cristo, Verbo encarnado, abre-se com docilidade e fidelidade ao amor de Deus, testemunhando na Igreja a vocação para a união sponsal com Deus à qual é chamada cada uma de suas criaturas.
- O rosto da *mulher*, pelo fato de sua própria feminilidade, o sinal mais transparente da gratuidade divina.

Estamos bem cientes do caminho dificultoso que, infelizmente, a mulher deve percorrer no cotidiano para ser reconhecida na sua identidade e respeitada na sua dignidade. Frequentemente esta dignidade é pisoteada e subestimada pelas próprias estruturas sociais. Ocorre, portanto, não só denunciar as situações de exploração, de abuso e prepotência, como também acompanhar o percurso para o resgate das pobrezas que afligem de modo particular as mulheres. Isto requer ações audazes de solidariedade para percorrer juntos o caminho que leva à redescoberta de uma grandeza há tempo menosprezada.

Pelas veredas do amor

O amor pela vida torna a mulher sensível a tudo o que diz respeito à pessoa, tanto à própria como à dos outros. Daí a preocupação com os que sofrem, a fina sensibilidade e a intuição aguda para perceber as necessidades dos outros e ir ao seu encontro na gratuidade.

Narra uma fma eslovena: «Na nova sede das FMA de Bled, fazia-se urgente reestruturar o velho edifício, um tempo usado como estábulo, para transformá-lo num centro de acolhida e de espiritualidade para moças e moços. A comunidade em situação econômica precária, lançou um apelo a todas as pessoas de boa vontade da cidade pedindo colaboração para o projeto e pedindo também alguns empréstimos sem juro. Entre os vários benfeitores que responderam estavam também as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, com uma quantia muito consistente. No momento da restituição do empréstimo já considerado um presente da providência, com gentil

generosidade e em vista da solidariedade entre mulheres, perdoaram tudo reconhecendo a audácia da comunidade e o valor vital daquele centro em favor do crescimento dos jovens e das jovens».

A experiência da inspetoria *Nossa Senhora do Pilar* de Barcelona ilustra muito bem esta convicção. As mulheres se organizam para salvar e promover a vida. Diante da emergência do fenômeno da "migração" sempre mais difundida na Espanha como em toda a Europa em geral, a Congregação das irmãs da Doutrina Cristã ofereceram dois andares de sua casa em Raval para acolher imigrantes desamparados, sem teto e trabalho. A casa exigia um grupo gestor confiável para dar continuidade e consistência ao projeto. Lança-se um apelo às congregações religiosas locais que respondem generosamente, segundo as próprias possibilidades, conscientes de que o tempo dos grandes manifestos e do triunfalismo institucional está superado. Compreendem, por outro lado, que é hora de fazer valer a fantasia da caridade, é hora de realizar ações audazes de solidariedade pela vida e pela esperança. Assim nasceu a nova comunidade "Mãe da Acolhida", no dia 28 de agosto de 2007 com Ir. Julia Gómez (Franciscana da Natividade), Ir. M. Carmen Miguel (Carmelita de Vedruna) e Ir. Ascen Abad (FMA). Escreve Ir. Ascen: «Depois de um mês e meio de vida partilhada com pessoas de outros países que buscam além do trabalho, alguém que os acolha, escute e acompanhe, continuamos a investigar modos de vida comunitária que sejam os mais adequados possível à realidade que nos toca viver. Posso dizer que se está com prazer na Casa da Acolhida, respira-se ar de família, experimenta-se o espírito do diálogo e de colaboração, queremos-nos bem. O nosso lema é exatamente: *O mundo é casa de todos. Tu estás na tua casa.* O projeto – continua Ir. Ascen – está apenas começando, momentos obscuros e difíceis, situações de sofrimento não faltam. Porém, vivemos na certeza de que um fio de vida se revigora na existência destas pessoas e com o empenho de todas estamos compondo uma obra de arte assinalada pela alegria, esperança e confiança. Com os religiosos e as religiosas de Raval, além dos encontros esporádicos sobre a caminhada, encontramos-nos mensalmente para celebrar em conjunto a Eucaristia e compartilhar a vida. São encontros que nos restituem, vez por vez, coragem e entusiasmo. Não estamos sós, partilhamos com tantos outros a experiência do Deus vivo, presente e feito carne no rosto do estrangeiro».

mseide@yahoo.com

Bibliografia

- DELLA CROCE Givanna, *La femminilità come espressione di amore*, in *Vita Consacrata* 38 (2002) 4, 384-393.
- GIORDANI Bruno, *La donna nella vita religiosa. Aspetti psicologici*, Milão, Editora Ancora 1994.
- GIOVANNI PAOLO II, *Lettera apostólica Mulieris Dignitatem del Sommo Pontefice Giovanni Paolo II sulla dignità e vocazione della donna em occasione dell'anno mariano*, Cidade do Vaticano, Livraria Vaticana 1988.
- GIOVANNI PAOLO II, *Lettera alle donne*, Cidade do Vaticano, Livraria Vaticana 1995.
- PORCILE SANTISO Maria Teresa, *Com occhi di donna. Identità, ministero, spiritualità, contemplazione, parola*, Bolonha, EDB 1999.
- RIUNIONE PLENARIA UISG, *Sfidate a tessere una nuova spiritualità ahe generi eperanza e vita per tutta l'umanità*, in *UISG* 134 (2007), 2-64.
- RONCHI Ermes, *Le case di Maria. Polifonia dell'esistenza e degli affetti*, Milão, Filhas de São Paulo 2006.
- TRIPANI Gabriella, *Gesti di donna. La femminilità come espressione di amore*, in AA.VV., *I volti della donna*, Roma, Centri Studi USMI 2001, 17-24.

É hora de amar

"É hora de amar o Senhor..." esta é a resposta profética sugerida por Maria Domingas Mazzarello às suas filhas e irmãs com referência à natureza do tempo. É um convite a transformar cada instante em eternidade porque habitado pela totalidade do amor. Isto exige discernimento, conversão contínua, para habitar a nossa feminilidade de modo profundo e ser na verdade aquilo que somos. O que fazer para assegurar um futuro melhor à mulher? A pergunta "O que fazer?" torna-se, antes, "Onde estou eu fma, mulher consagrada, neste caminho de conversão? Qual é o meu lugar, o nosso lugar ao lado das mulheres meninas, jovens ou adultas que encontramos no cotidiano?". É um apelo a lançar raízes no passado, qualificando o presente, tendo em vista um futuro de esperança.

A LÂMPADA

Abre o Coração

2º passo no caminho da *lectio*

Graziella Curti

Estamos no segundo momento daquela Palavra rezada, que exige uma boa preparação, sem pressa, gradual, para poder atingir o objetivo de uma intensa comunhão com o Senhor.

Uma comunhão que nos leva a agir, por conseguinte, no cotidiano.

Tal preparação não nasce de improviso, tem necessidade de uma espera antecipada.

"Desde a manhã te procuro..." recita o salmo. O encontro com a divindade faz a criatura trepidar de longe. Talvez tenhamos deixado cair na rotina este acontecimento que, ao invés, é carregado de mistério e de amor. Um homem ou uma mulher que se encontram com Deus, o totalmente Outro. O Senhor do céu e da terra.

Como criança no braço da mãe

Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino

Esta imagem, tão presente nos Salmos, indica a postura mais adaptada diante da Palavra. Para poder assimilar até o fundo o mistério de um Deus tão próximo, que não se contenta com o existir de suas criaturas, mas quer falar com elas, são-nos pedidos a confiança e o abandono.

A criança não tem preconceitos, abandona-se no colo materno, maravilha-se, acolhe tudo quanto lhe é dado, com confiança.

Pense também em Samuel que, chamado à noite por uma voz insistente, levanta-se da cama e se põe à escuta. O Mestre está aqui e te chama. É ele que te procura e tem alguma coisa para dizer-te.

Escuta

Shemà Israel! Escuta, Israel!

Deus quer falar ao teu coração, no silêncio das coisas e dos eventos. "O coração bíblico é o centro, a sede das faculdades intelectivas do homem, é o íntimo mais profundo da sua pessoa. O coração é, portanto, o órgão principal da *lectio divina*".

Por isso é necessário purificá-lo, dirigi-lo ao essencial, torná-lo bom e misericordioso com pensamentos de paz. Repete a invocação: "Fala, Senhor, fala-nos mais uma vez!".

A Palavra assimilada unifica os sentimentos do coração, torna-o simples como o de uma criança que bebe com o leite materno as palavras que a mãe diz.

Lembra a atitude de Maria de Betânia, aos pés do Mestre. A sua escuta é estática, capaz de meditar e conservar no coração as palavras, como fazia a mãe do Senhor.

Morada

Que Deus assim tão próximo?

Tanto no IV Evangelho quanto nas cartas joaninas, o discípulo é convidado com freqüência a "morar na Palavra de Jesus" para escutar nela a voz do Pai.

Agora o coração está pronto, como a terra boa em cujos sulcos pode cair a semente e dar fruto. Pensa em Jesus, bom semeador, que procura morada para a sua Palavra. Uma morada acolhedora, espaçosa, ordenada onde, quem a habita, é capaz de parar, sem pressa, para conservar aquela semente sagrada que deve ser ruminada lentamente para converter-se em pão.

Agora o Cristo está à porta e bate. Basta abrir-lhe e ele se sentará à mesa na tua morada. Jesus não está só. Estão com ele o Pai e o Espírito para celebrar juntos a Palavra.

Recordas a pintura da Trindade de Rubliev? Aquela atmosfera estática, fora do tempo e do espaço no qual os *Três* se entreolham com amor, indica a atitude do coração que está à espera do Verbo.

Também Maria Domingas

Maria Mazzarello expressa a sua convicção a Dom Lemoyne: "Se eu amar Jesus de todo coração saberei fazê-lo amar também pelos outros".

"Deixo-vos no coração de Jesus e peço a ele que vos abençoe e vos faça todas dele", escreve às irmãs de Montevideú (Uruguai).

Às mesmas irmãs da comunidade de Villa Colón, sugere: "É melhor que nos dirijamos ao coração de Jesus e lá podemos dizer-nos tudo. Eu vos asseguro que todas as manhãs vos falo neste adorável coração".

Por que a *lectio*?

* *É a Palavra que transforma o nosso coração. "Os puros de coração vêem a Deus", esta bem-aventurança nos leva a estar atentas às mensagens que diariamente, por meio da liturgia e da lectio, chegam ao nosso espírito e o tornam capaz de abrir-se a um estilo evangélico de vida.*

* *Às vezes, os nossos dias nos parecem vazios, aferrados ao imediato, sem pausas de silêncio para ouvir a voz de Deus, que nos procura e quer falar-nos. Exatamente por isso, Enzo Bianchi afirma: "a vida religiosa pode encontrar na lectio divina uma ocasião privilegiada de retorno ao essencial, à fundamentação cristológica, àquela busca de Deus que a alicerça e a motiva".*

O EVANGELHO NA VIDA

Um encontro luminoso

Como exemplificação de lectio divina, isto é, de uma Palavra que entra na vida, nesta rubrica aludimos a uma homilia de Ângelo Casati, pároco em Milão.

«Uma coisa eu sei: era cego e agora vejo» (Jo. 9, 1-41)

Às vezes eu me surpreendo pensando, creio que acontece também convosco, surpreendo-me pensando como deve ter-se sentido sufocado, num clima irrespirável, o Senhor Jesus e como, perdoai-me, devem às vezes sentir-se sufocados, num clima irrespirável os seus discípulos. Pensai em Jesus e pensai neste cego e o clima irrespirável que os circunda.

E como é belo, deixai-me dizer, que Jesus seja diferente. No final da narrativa os vedes, ele e o cego num encontro luminoso. Mas ainda não terminou. Ainda não foi dissolvido aquele ar irrespirável. E aquele grupo de fariseus continua a polemizar, quase conseguindo macular a beleza daquilo que havia acontecido. Acontecido ao cego. Alguém que era cego de nascença, alguém que, de certo modo, jamais havia nascido. Porque para nós o "nascer" é "vir à luz". Mas aquele, jamais havia vindo à luz.

"Passando" está escrito na narrativa "viu um homem cego de nascença".

Passando, ele o viu

Tinha acabado de sair do templo onde, no final, apanharam as pedras, pedras sagradas do templo, para fazê-lo calar-se de uma vez por todas. O ar é irrespirável e ele então sai. Um trecho de estrada, vê o cego e, ainda uma vez sente pesar aquele ar irrespirável das discussões sobre o pecado; sempre há quem faça questão que seja pecado. Também em relação àquele cego. Não lhes interessa que tenha olhos minados. Mas ele o vê!

Ele, Jesus sim. Ele o vê. Numa narrativa como a nossa, que coloca no centro o *ver* e o *não-ver*, é significativo como o verbo *ver* em princípio refira-se a Jesus: "Jesus passando viu". Viu o cego. Vós direis, os discípulos também o viram. Mas existe *ver* e *ver*. Eles vêem e se omitem, vão embrenhar-se nas suas disputas. O cego, aquele cego não está mais nos seus olhos. Nos seus olhos habitam suas críticas amargas.

Este início de evangelho já nos revela uma verdade de suma importância: é o coração que nos faz ver. Pensai quantas coisas nós vemos ou deixamos de ver no outro, quantas coisas nós compreendemos ou deixamos de compreender no outro. É o amor que faz a diferença, se existe amor ou frieza nos nossos olhos. Os discursos dos discípulos e ainda mais os discursos daquele grupo de fariseus, todos nós os ouvimos, são de uma frieza horripilante, desconcertante. E são homens que falam a toda hora de Deus, defensores da lei de Deus. Para o sábado, para o sábado e não para o homem. Como se nem mesmo de leve os tocasse o sofrimento do homem, daquele homem concreto.

Devemos nos precaver desta doença. É bom que a Quaresma a evidencie em toda a sua insídia e periculosidade.

À escuta do povo

Encontrei esta preocupação nas palavras do Cardeal Martini, por ocasião da peregrinação da diocese à Terra Santa, nestes dias. Dizia e são palavras que ficam gravadas no coração: "Creio que a Igreja deva fazer-se compreender antes de tudo escutando a voz do povo, os seus sofrimentos, as suas necessidades, os problemas, deixando que as palavras repercutam no coração, deixando que seus sofrimentos tenham ressonância em nossas palavras. Deste modo as nossas palavras não parecerão caídas do céu, ou provindas de uma teoria, mas serão acolhidas em vista do sofrimento do povo e serão portadoras da luz do Evangelho, que não fala palavras estranhas, incompreensíveis, mas fala de modo que todos possam entender. Também aquele que não pratica a religião ou que tem uma outra religião".

Jesus passa e vê. Ele não tem olhos fechados e pode abri-los para nós. Também hoje ele passa. E vê.

Por sorte, digo, por graça. Por graça, também para aquele cego que tinha uma lesão de nascença e apesar disso devia tolerar as manifestações daqueles que discutiam sobre o pecado; duas vezes lesado. Penso com tristeza naqueles que também hoje são feridos duas vezes, feridos pelo sofrimento e feridos pela frieza do olhar de quem os julga. Mas, subitamente sou tomado por um pensamento que me conforta e é este: Jesus passa e se dissocia, ele tem um outro olhar. Ele faz as obras de Deus. E para ele o sofrimento, que não vem de Deus, ele o disse, torna-se uma ocasião para que se manifestem as obras de Deus.

Dar luz aos olhos

Aquele cego havia experimentado as obras de Deus na própria pele. Sentia-se renascido com aquela luz nos olhos. A luz dos olhos era para ele o sinal de que tinha sido tocado por alguém que vinha, ele o diz, de Deus. Um dia o Batista havia mandado os discípulos perguntar ao rabi de Nazaré se ele era o Messias ou se precisaria esperar um outro. Naquela ocasião Jesus disse: "Ide e contai: os cegos vêem". Estas são as obras de Deus: os cegos vêem. Vêem porque alguém os olha com olhos de amor. Com uma luz quente, não gélida, nos olhos.

Pois bem, terminei. Tocou-me muito relendo este ano o texto, este particular: Jesus usa um verbo no plural: "Nem ele pecou nem os seus pais, mas isto aconteceu para que se manifestassem as obras de Deus". "Devemos", disse. Não disse "devo", "devemos realizar as obras daquele que me enviou enquanto é dia...". Devemos, no plural. Jesus nos compromete com as obras de Deus. As obras de Deus não são nem o olhar desligado dos discípulos nem o olhar julgador dos homens do sábado. Obra de Deus é um olhar carregado de amor, obra de Deus é conceder luz aos olhos, obra de Deus é conferir liberdade, liberdade de ficar firme, de resistir, como fez o homem cego, a todos os sofismas, de todo gênero e de todo tipo. Com a luz dos olhos foi-lhe concedida a liberdade. Também a liberdade de resistir.

Ângelo Casati

DIÁLOGO

O Diálogo da Vida

Bruna Grassini

Roma Praça de São Pedro.

Diante de vinte mil jovens participantes de todo o mundo

Papa João Paulo II acolhe Chiara Lubich

com uma saudação que repercute diretamente

nos cinco Continentes.

É 31 de março de 1990. Num átimo Clara repassa no coração todas as etapas de sua vida e os extraordinários frutos de sua obra.

E humildemente sussurra: "Somos apenas uma pequena mão que ajuda a Igreja a realizar o programa de Jesus: "Que todos sejam Um".

Tóquio: dezembro de 1981. Na imensa "Sala sagrada" dez mil japoneses escutam Chiara Lubich que fala de sua experiência espiritual.

Dezenas de monitores transmitem a imagem para os que não encontraram lugar e se apinharam nos corredores e fora.

A "Corrente de oração" lançada por Chiara envolve todo o Movimento dos Focolarinos, em toda parte do mundo, para realizar a "espiritualidade da unidade", da fraternidade: "Que todos sejam um".

Um jornalista presente pergunta-lhe à queima-roupa: "Por que depois de dois milênios de cristianismo você fala de redescoberta do Evangelho?".

É uma inspiração que vem de longe, responde Chiara, desde os anos da guerra, quando levávamos o Evangelho conosco aos refúgios antiaéreos, sob os bombardeios. Era a nossa oração.

Nós o segurávamos entre as mãos como uma âncora de salvação. "Confesso que até então o Evangelho não tinha sido a norma da minha vida. Vivendo-o modificava-se em mim e nas minhas companheiras a relação com Deus e com os outros. Deus colocou em nossas mãos a sua **Palavra**, concedeu-nos uma nova luz e a vida da Palavra tornou-se para nós o fulcro e o motor de uma formação permanente".

Antecipando o Concílio Vaticano II, Chiara Lubich intui e realiza um estilo de vida eclesial novo: "*O Carisma de santificar-se juntos*". Nasce assim o Movimento dos Focolarinos, que o Papa João Paulo II definiu o "Povo de Deus chamado a ser modelo para toda a Comunidade humana: fazer da Igreja a casa e a escola de comunhão".

O carisma da unidade

"A Palavra de Deus é confiada à Igreja não apenas para ser vivida, mas para ser transmitida a todos: homens e mulheres, ricos e pobres de toda cultura, raça e religião". Assim se exprime o Concílio. Não é um privilégio exclusivo do cristão. É a Palavra que Deus nos confia destinada a toda a humanidade.

Dom G. Bottoni, do Secretariado para o Ecumenismo da Diocese de Milão, afirma: "Sem a capacidade de dialogar não se é discípulo de Jesus Cristo, que foi mestre do diálogo; e, sem o anúncio, não se é testemunha do seu amor" (*Ecumenismo e Diálogo*).

Para Chiara Lubich o diálogo ecumênico é uma prioridade: procurar alcançar as pessoas de religiões diferentes, viver juntos, em paz, num mundo pluralista como o atual. Isto significa "crescer no conhecimento e no respeito recíproco, na mútua confiança, ou também ser presença silenciosa na oração... Acender no coração uma esperança, uma alegria, conscientes de que todos somos chamados a tornar-nos anúncio profético de reconciliação".

Esta busca do diálogo com os supostos "afastados" atrai sobre Chiara críticas e dúvidas, mas ela não se rende. Tem a certeza de que, seja como for, poderá ajudar a Igreja a dirigir-se ao mundo com um novo estilo de vida eclesial, para levar Jesus vivo a todos, porque todos somos filhos do mesmo Pai".

Mas o surpreendente é que budistas, hebreus, muçulmanos, ortodoxos, hinduístas e até mesmo ateus desejaram fazer parte do "Movimento", trabalhando e rezando juntos por um mundo unido. Participando dos encontros, descobrem neles a realização daqueles ideais evangélicos a que muitos aspiram, como a paz, a solidariedade, a igualdade, a unidade.

Vivíssima é a lembrança do encontro com o Patriarca ecumênico de Constantinopla, Athenágoras I, em 1967. Chiara afirma: "Aprendi com ele a amar todos os povos, a encontrar o Bem em todos.

Era verdadeiramente grande Athenágoras e não poderei jamais esquecê-lo. Foi ele que nos revelou a beleza da Igreja Ortodoxa.

Cultivava um relacionamento profundo com Paulo VI, ambos compartilhavam a grande aspiração de restabelecer, depois de mil anos, a plena comunhão com a Igreja Católica".

Em 1979 Chiara Lubich teve um encontro tão vigoroso quanto este com o líder budista Nikko Niwano, em Tóquio. Conversando com ele sentiu-se livre de expor sua fé cristã falando de Jesus como a um irmão. "Exatamente naquele colóquio, recorda, tive a clara sensação de que o diálogo poderia tornar-se uma espécie de evangelização e foi ainda por iniciativa dele que nasceu, poucos anos depois, a Conferência mundial das Religiões pela paz".

grassini@libero.it

O FIO DE ARIADNE

Da lógica da *prestação* à lógica da *dedicação*

Maria Rossi

Alguns esclarecimentos

Dedicação e *prestação* não são termos que circulam normalmente na cultura e na literatura psicológica. Os níveis mais altos da realização e da maturação humana são determinados pela capacidade de compreender os princípios universais de justiça, de reciprocidade e igualdade dos direitos humanos, de respeito pela dignidade dos outros seres humanos como pessoas e, por conseguinte, de agir. Agir, por conseguinte, significa ter superado todos os egocentrismos e particularismos, para além da lei e do devido, a fim de fazer nascer a vida, para *cuidar* de tudo o que vive, para defender a vida com o risco de perder a própria. Esta atitude, expressa em linguagem psicológica com os termos de *identidade pessoal plenamente elaborada*, *capacidade de amar*, *generosidade*, *sabedoria*, pode ser expressa também com o termo comum de *dedicação*. O termo *prestação* exprime não-acabamento, atitudes defensivas coligadas a uma escassa elaboração da identidade pessoal, crises e dificuldades não totalmente superadas.

O caminho do crescimento para a plenitude da maturidade humana, não é um percurso linear e sempre em ascensão como geralmente se desejaria e/ou se acredita ou como parece supor uma leitura superficial de algumas teorias psicológicas. Acontece com bastante frequência ouvir pais, professores ou Irmãs da comunidade, dizerem: "Já tem 9 – 14 – 20 – 30 – 70 anos e se comporta como uma criança, quer estar sempre no centro das atenções, não leva em conta as outras pessoas, só enxerga a si mesma/o".

Também as pessoas mais equilibradas e bem sucedidas fizeram experiência, não só dos períodos de abertura alegre, mas também dos momentos de crise, de involução, de parcial fechamento. São os tempos em que, por desilusão ou por motivos diversos alguém pensa ou diz: "Sempre estive a serviço dos outros, agora quero pensar em mim mesma/o, no meu trabalho. Os outros que se arranjem".

O problema não é experimentar momentos de crise, de desânimo, de estagnação, de involução, mas ficar muito tempo neles e se fechar. O risco é mais sério do que se pensa. Segundo os Autores, assim como quem fica muito parado perde a elasticidade dos músculos, assim também quem se fixa numa etapa da vida corre o risco de fossilizar-se e de não sair mais dela.

A cultura atual, da qual todos estão mais ou menos conscientemente impregnados, não facilita o crescimento neste sentido, ao invés. Ela difunde e exalta a lógica da prestação: julga pouco esperto, zomba, explora e tende a esmagar, efetivamente, quem cultiva ideais e atitudes de generosidade. Este modo vulgarizado de pensar e de viver, pode contaminar também aqueles que, como as pessoas consagradas, fizeram escolhas de dedicação, de gratuidade, de doação.

Trata-se, como observa a Madre nas suas últimas circulares, de atitudes que incidem e caracterizam o modo de colocar-se em relação com os outros, as outras, a qualidade das relações. Na Circular 887, a Madre afirma: "A qualidade das relações constitui um verdadeiro desafio, no sentido exato da palavra, no mundo de hoje onde prevalecem critérios de eficiência, concorrência e competição".

É necessário distinguir entre o cuidado com as obras e a atitude pessoal. Embora requeira fadigas e custos econômicos consideráveis, a eficiência das obras não pode ser descuidada, nem subestimada. O colocar-se em dia com as leis quanto ao edifício, o credenciamento junto às Entidades públicas e a documentação, isto é, a declaração, por parte das Entidades competentes para que o que se faz responda a critérios de qualidade e de justa eficiência, é um dever importante. Como também é importante, uma séria preparação profissional.

Com um pouco de atenção e de clareza, é possível dar respostas adequadas seja às exigências da eficiência seja à qualidade das relações inter-pessoais. Se na comunidade humana, sobretudo das obras educativas, não trabalhassem pessoas com a lógica da dedicação, mesmo com todos os documentos regulamentados, seria uma grande derrota humana, além de salesiana.

A lógica da prestação, da eficiência

A pessoa que se deixa levar pela lógica da prestação, aplica-se muito, mas com a atenção voltada para as vantagens, o reconhecimento, a gratificação. Respeita as regras, é fiel ao dever, mas dificilmente vai além. Se não toca a ela, passa adiante. O "vado io" não faz parte do seu léxico. Em vez de guardar um mapa ou arrumar em silêncio as desordens de quem passou antes ou derrubou alguma coisa sem perceber, prefere procurar a/o culpado, fazer as devidas observações e talvez entabular uma inútil e deprimente discussão.

Se tem tarefas de responsabilidade, pode chegar a dizer que o seu time venceu os campeonatos, que os alunos e as alunas de sua escola atingiram a máxima pontuação, que sabe resistir e ir em frente não obstante os gravíssimos problemas que se lhe apresentam. Certa irmã perante uma companheira deste tipo, após suas manifestações, observava entre o pensativo e o perplexo: "Só ela tem verdadeiros problemas. Quando a escuto falar, tenho a impressão de que os meus não existem". No entanto, quem dizia isso tinha outras tantas e reais dificuldades.

Quem segue a lógica da prestação coloca o acento no fazer que produz. É um fazer que não se preocupa em criar relações inter-pessoais de colaboração, mas que propõe regras e que, por aquela dissimulada ou evidente inclinação ao prestígio e ao poder, tende a tyrannizar. O valor da pessoa está em ser esperta, em não fazer objeções, em produzir, porque a produção inclui reconhecimentos, não só na empresa de confecções, de alimentos ou mecânica, mas também na educativa. Hoje, especialmente no Ocidente, há a tendência de gerir hospitais, universidades e escolas com critérios e linguagens empresariais.

Em tal situação a criança menos hábil, que não tem dotes suficientes para aprender e acompanhar os outros ou que, sendo imigrante esforça-se para adaptar-se, a pessoa que pela idade ou saúde não consegue mais caminhar ou tem necessidade de alguma atenção em vez de oferecê-la, é transferida para outro lugar ou deve procurar outros espaços.

A lógica da dedicação, da generosidade

A pessoa que chegou a uma sólida elaboração da própria identidade, à generosidade, à dedicação, depois de haver superado as crises que todo crescimento comporta e de haver, portanto, experimentado momentos de estagnação e de fechamento, segue critérios completamente diferentes. Sem negligenciar a eficiência das obras e a competência pessoal, põe em relevo o amor, e o amor vai além das normas, não tem medida. Gera porque ama a vida. Trabalha, produz, mas o faz porque quer bem, para responder à necessidade da outra, do outro, enquanto durar a necessidade. Usa os dotes pessoais para servir melhor, para dar um tom de festa à rotina cotidiana, para criar vida. É pontual, mas sabe também ir além sem fazer-se de vítima.

Está atenta, sobretudo, às relações inter-pessoais seja dentro ou fora da comunidade, da família. É uma presença relacional com a paixão pela comunhão. Busca conhecer para compreender, interagir de modo sereno e criar colaborações fecundas, guiar e orientar para relações com horizontes universais.

Não é indiferente aos reconhecimentos, antes, os aprecia, mas não os busca, nem se apega a eles. Compreende que gerar, sustentar a vida, oferecer ajuda, prevenir dissabores e insatisfações, é um dever, ou melhor, é o dever que dá sentido, plenitude e alegria à própria existência. Compreender que a própria vida tem sentido é a maior recompensa que existe e que suplanta todos os reconhecimentos religiosos, civis, culturais.

Segundo os Autores e também conforme a experiência habitual, a presença destas pessoas é mais rara. Quem as encontra, nas comunidades ou noutros lugares, sente-se bem. Quem se julga esperta/o pode considerá-las ingênuas, fazer caçadas e até mesmo explorá-las. Muitas vezes, porém, estas pessoas são profundamente conscientes, mais livres do que as que se acreditam como tais e que tendem a explorá-las.

Enquanto organizava estas reflexões, veio-me à memória a imagem de uma árvore encontrada na leitura da obra de P. Claudel, *O anúncio feito a Maria*. Não sei se sou fiel ao Autor, porque a leitura foi feita há mais de vinte anos. Trata-se de um artista pouco reconhecido e valorizado. A um amigo que lhe faz notar o fato, responde com a história de uma árvore carregada de frutos maduros. Passa um viandante que não cultivou nem fez nada pela planta, narra o artista, apanha um fruto e se vai e assim também um outro. O agricultor queixa-se com o patrão que permite este estrago. Mas o patrão, identificando-se com a árvore, observa que a porção que o viandante apanhou e comeu transformou-se em alimento, vida e ele, a árvore, está feliz porque continua a viver naquela vida ao passo que os frutos maduros que caem, apodrecem e acabam ali mesmo.

Não há situação nem idade que impeçam sair de uma fase de estagnação ou de desânimo e lançar-se para o alto, como também não foi dito que quem chegou ao ápice esteja seguro de permanecer lá para sempre. Além da coragem, é necessária sempre uma boa dose de humildade. Uma grande ajuda é, porém, a fé. No caminho do crescimento humano, saber que o Criador, o Amante da vida quis que também nós participássemos desta festa e que nos quer bem por aquilo que somos, não obstante todos os nossos limites, é de grande estímulo e conforto.

Nas comunidades humanas, não apenas nas comunidades religiosas, a presença de pessoas capazes de dedicação é uma bênção. Cria calor humano, clima sereno mesmo se exigente, relações inter-pessoais que comunicam vida e bem-estar e que não consentem que as obras eficientes se tornem armadilhas douradas. Muitas de nós o experimentaram: talvez se lembrem com saudades e se industriem para que a sua experiência se perpetue na história.

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O projeto Lviv

Mara Borsi

As FMA da Visitadoria “Mãe de Deus” (Leste da Europa – Geórgia) estão presentes na cidade de Lviv (Ucrânia) desde 1992. Em maio de 2006 foi encaminhado um projeto de cooperação ao desenvolvimento para responder às necessidades das jovens que das aldeias rurais se deslocam para a cidade a fim de freqüentar os estudos universitários ou as numerosas escolas profissionais.

Em 1991 a Ucrânia obteve a independência da URSS e, como para as outras ex-Repúblicas Soviéticas, as condições políticas, econômicas e sociais são ainda hoje difíceis. Valores como liberdade, verdade, justiça, respeito pela vida, pela mulher, pela dignidade humana custam a afirmar-se como pilstras de uma nova sociedade.

O índice de desemprego é muito elevado e obriga também as mulheres a emigrar para os Países da Europa ocidental. Tal situação ocasiona a desagregação da família, porque muitas mulheres emigrantes são mães que deixam os maridos e confiam os filhos aos próprios pais ou aos sogros. Também a recente reviravolta política não melhorou de modo visível a realidade. Para mudar a situação, afirmam as irmãs da comunidade-alojamento de Lviv, urge muito tempo. O afrouxamento do processo de mudança é atribuído às resistências internas da própria sociedade, porque as estruturas que o deveriam salvaguardar são muito frágeis.

Uma cidade entre oportunidades e desafios

Lviv, onde reside e trabalha a comunidade FMA, é a maior cidade da Ucrânia ocidental, com aproximadamente um milhão de habitantes. A população é composta na maioria por ucranianos, russos, polacos, armênios e outras minorias procedentes das Repúblicas da ex-União Soviética.

Na cidade há diversos pólos universitários e escolas profissionais, mas para os estudantes que chegam das aldeias ou das cidades vizinhas as dificuldades são numerosas. As “Casas para a Juventude” são, na maioria, estruturas prejudiciais e degradantes, onde é muito alto o risco do alcoolismo, da droga e da prostituição. Por causa da escassez de alojamentos tantos jovens não encontram uma acomodação adequada, numerosos são também os que não podem pagar o aluguel de um quarto, desproporcional às suas reais condições. Nesta difícil realidade as jovens procedentes das aldeias rurais, são as mais expostas aos perigos e à exploração. A comunidade FMA, justamente para responder à necessidade de um alojamento seguro para o período das aulas, tornou viável a reestruturação da casa-alojamento por meio de um projeto de cooperação ao desenvolvimento financiado por diversas organizações.

Objetivos e atividades

O projeto propõe-se a atingir objetivos precisos: prevenir e impedir os desvios das jovens estudantes residentes em Lviv; oferecer um alojamento acolhedor e familiar às jovens pobres que provêm, sobretudo das aldeias rurais; propor uma formação integral à jovem mulher, sobretudo humana e profissional, em vista do desenvolvimento econômico-social das aldeias de proveniência.

O projeto é constituído por duas etapas de trabalho: na primeira, já concluída, procedeu-se à reestruturação urgente do teto da Casa-alojamento, na segunda prevê-se a reconstrução e a organização da parte interna, a decoração dos quartos, a preparação de salas para estudo e formação, munidas de computador, material didático e recreativo. De 15 a 18 jovens universitárias poderão ser beneficiadas pelo projeto e, de modo indireto, levarão vantagem suas famílias de origem e as comunidades das aldeias de onde procedem. A oportunidade formativa oferecida às jovens poderia efetivamente favorecer o desenvolvimento das micro-empresas nas aldeias.

As atividades previstas: o acompanhamento das jovens por meio dos colóquios pessoais, encontros de grupo, inserção nos grupos juvenis presentes na cidade. Momentos recreativos de vida em conjunto como festas ligadas à tradição Greco-Bizantina, festas nacionais, festas ligadas ao carisma do Instituto FMA; passeios didáticos, excursões. Momentos formativos específicos para a família, para a vida e de educação sanitária. Experiências práticas sobre a organização da casa e o trabalho: ordem e limpeza dos ambientes comuns e pessoais; realização de experiências dirigidas no campo da pequena empresa, sobretudo artesanal. A equipe que acompanhará a realização do projeto tenciona manter contatos diretos com a escola profissional e/ou universidade que as jovens frequentarão e com a aldeia e a família de proveniência. Atualmente na casa vive já uma jovem órfã, estudante do segundo ano do Politécnico di Lviv. A comunidade FMA com a atividade do oratório é ponto de referência para crianças, adolescentes e jovens da região.

mborsi@pcn.net

*Se você quiser dar uma contribuição ao projeto consulte: <http://www.cgfmanet.org> na sessão **doações**.*

DIREITOS HUMANOS E VIDA CONSAGRADA

“Escorra como água, o Direito” (Am 5,24)

Emilia di Massimo

A ambição dos poderosos, que aumenta continuamente suas riquezas à custa dos pequenos proprietários, contrasta com a miséria alastrada em Israel. O Senhor escuta o grito dos pobres e revela os seus planos a Amós. A missão do profeta será promover a justiça e defender o direito de todos. Missão que se prolonga no hoje de tantas pessoas empenhadas radicalmente no serviço dos últimos, dos mais necessitados.

Um só Senhor, uma justiça para todos

Amós vivia tranquilamente em Tekoa, uma aldeia situada a 9 Km ao sul de Belém. Era pastor e cultivador de sicômoros. No ano 760 antes de Cristo, aproximadamente, o Senhor o arrebatou à sua paz e o enviou para profetizar no reino do norte. Habitado à simplicidade da vida rural, Amós se exprime com uma linguagem espontânea e incisiva. A sua doutrina é simples e essencial, quer

tocar as consciências: «*Eu detesto, rejeito as vossas festas e não aprecio as vossas reuniões; mesmo se vós me ofereceis holocaustos, os vossos dons não me agradam... Longe de mim o ruído dos vossos cantos: o som das vossas harpas não posso ouvir! Antes, escorra como água o direito e a justiça como uma torrente perene*».

Uma religiosidade exterior e hipócrita adormecera a consciência do povo de Israel, que se tornou totalmente insensível às exigências da justiça social. Amós não denuncia o culto em si mesmo, mas o divórcio fé-vida. Não podem ser considerados justos os que realizam um culto formal, mas depois espezinham os direitos dos fracos, discriminam as pessoas, transgridem o mandamento do amor ao próximo. Amós pede que *escorra como água o direito*, que não se torne propriedade dos poderosos, mas que seja agilizado também nas causas dos menos favorecidos. O rico, de fato, naquela sociedade, como em tantas outras hoje, encontrava solução imediata para os seus litígios, enquanto o pobre devia apresentar-se ao tribunal uma e mil vezes e, no final ficava humilhado, sem que lhe fizessem justiça, “vendido por um par de sandálias” (Amós, 8,7).

Como uma torrente perene

A vida consagrada, hoje mais que nunca, é chamada a anunciar, a partir da própria experiência, que a justiça de Deus não é como a dos homens: é como uma *torrente perene* que se derrama sobre todos, pobres e ricos indistintamente, em todas as circunstâncias. Deus é amor e compaixão para com cada uma de suas criaturas. As pessoas consagradas devem torná-lo presente onde os direitos fundamentais são renegados, porque a sua justiça desconhece qualquer preferência. A sua fidelidade é estável, segura, e Ele não faltará jamais com a palavra dada.

A justiça social, valor essencial em cada comunidade, garante a coexistência pacífica e o desenvolvimento, é busca do bem comum e efetiva solidariedade com os mais pobres.

A tirania ainda existe no mundo contemporâneo, mesmo se de modo mais dissimulado e sutil que no tempo de Amós. Podemos encontrar exemplos em muitos âmbitos da vida como as políticas de controle da população, os desastres ambientais causados pelas multinacionais, a corrupção de funcionários públicos...

Também para além das fronteiras locais

Nesta perspectiva, promover e encorajar o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origens nacionais ou sociais, riqueza, nascimento (cfr. *Declaração universal dos direitos do homem, art. 1-2*), torna-se um empenho prioritário também para a vida consagrada. Para nós, fma, em particular, e para toda a Família salesiana, tal empenho é como uma semente fecunda no sulco educativo: o amor preveniente nos impele a educar-nos e a educar para os direitos humanos.

Jesus nos alerta contra um culto distante da vida. Não quem diz "*Senhor, Senhor... mas quem faz a vontade de meu Pai...*" (Mt 7,21). Neste sentido, escrevia Dom Primo Mazzolari: "Como se o problema central da vida religiosa fosse lotar as igrejas! Ainda somos doentes de clientelismo: a primeira prova da fé é a coragem da verdade e da justiça".

Somos chamadas a unificar fé e vida, a aprender a rezar a vida, a passar da oração para a vida. A paixão do "*da mihi animas*", fonte de renovadas energias, nos ajuda a fazer do nosso dia uma liturgia vivida na simplicidade e na alegria como "louvor perene" ao Pai (cfr. *Const. Art. 48*). A unificação interior dilata o nosso coração e o torna capaz daquela nova justiça proclamada por Jesus como fonte de felicidade, como torrente perene. Uma justiça que ultrapassa as fronteiras locais e abraça o mundo; uma justiça que dá voz aos mais pobres. A vida consagrada caminha hoje nesta direção.

Religiosos/as na ONU

"Franciscans International" (FI). É uma ONG, criada pela Família Franciscana para a promoção e a defesa dos direitos humanos nas suas manifestações civis, culturais, econômicas, políticas e sociais. Reconhecida pela ONU desde 1989 com Status Consultivo Geral (Categoria 1) no interior do Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC), realiza o seu trabalho em Genebra e em Nova York, em colaboração com os respectivos Ofícios e programas do organismo internacional que a acolhe. A **FI** trabalha em rede com os irmãos e irmãs franciscanos/as que encontram pessoas oprimidas e exploradas em todo o mundo. Privilegia, sobretudo os aspectos referentes à criação, à paz e aos mais pobres.

Para saber mais, consultar: <http://franciscaninternational.org/index.php>

Sucedee...

"A vida é assim... São coisas que acontecem. Sucedee... Sim.

Sucedee que eu esteja bem e aquele outro definho num sanatório. Sucedee que eu corra o risco de indigestão e o indiano morra de fome.

Sucedee que eu tenha a minha excelente conta no banco e o vizinho de casa vá empenhar um cobertor no Monte da Piedade. [...]

Sucedee que eu tenha (ou me iluda pensando ter) Cristo sem a cruz, e aqueles outros, a cruz sem o Cristo. Sucedee.

O jogo da vida é estranho. "A quem toca, toca" (desde que toque sempre aos outros).

Mas eu já tenho as minhas preocupações! Por que ocupar-me com as dos outros? O que eu tenho a ver com isso? Tens a ver, eis-me! A partir do momento em que também Deus tem a ver.

Aí está, agora me parece ser possível responder a uma simplicíssima pergunta do catecismo: "Onde está Deus?".

"Deus está do outro lado da cruz". A minha cruz. Exatamente esta. E também na do outro. Onde quer que exista uma cruz, não tenho senão que agarrá-la com minhas mãos. De qualquer lado. Do outro está sempre Ele" (Alessandro Pronzato).

FOTO  CLICK

As suas fotos mais bonitas...

Publicamos algumas das fotos que chegaram à redação.
 Vocês encontrarão as outras nos próximos números da revista.
 Agradecemos a quem aderiu ao concurso e a quem ainda quiser fazê-lo.
 O nome do vencedor será publicado nos próximos meses.



Milagre da vida

A vida é um milagre.
 No sol que nasce e nos acolhe com o brilho
 de sua luz. Na água que sacia a nossa
 sede,
 no alimento que comemos, no ar que
 respiramos, no vento que sopra, num ato
 de amor, em todas as formas que se
 renovam a cada instante...
Bruna Fernanda Antônio Clímaco
Corumbá – MS - Brasil

Amizade

É nas controvérsias que se avalia a
 capacidade do nosso amor,
 sem palavras, fica-se lado a lado, até
 quando se encontra a coragem de olhar-
 nos e de aproximarmo-nos.
 É inútil querer fugir: acabaremos
 por reconciliar-nos
 porque queremos-nos bem.
Aminata Adekum – Guiné Equatorial





O céu na vidraça

Não vejo a hora que chegue o dia de tocar com a mão aquilo que agora vejo só como reflexo sobre o vidro.

Silvia Gega – Albânia

Sim à festa

Saída alegre do grupo de jovens animadores “Akok Barrage” do Centro Maria Domingas Mazzarello.

Ella Mengue Mbira Aristide Lionel – Gabon



POLIS

Democracia Hoje. Sistema democrático em crise?

Anna Rita Cristaino

O vocábulo democracia provém do grego *demokratia*, composto por *demos* e *kratia* que evocam respectivamente o povo e o poder.

O conceito e a palavra democracia nos remetem, portanto, à antiga Grécia. Aristóteles realizou a primeira grande teorização política distinguindo entre monarquia, governo de um só, aristocracia, o governo dos melhores e a democracia entendida como governo de todos os cidadãos. Na era moderna, ao conceito de democracia foram associados os de liberdade, igualdade e fraternidade. As democracias contemporâneas são representativas, isto é, geridas de forma indireta pelo povo por meio dos seus representantes. Estes últimos são democraticamente eleitos no interior das organizações políticas dos partidos.

Algumas perguntas

A democracia é um valor em si mesma? Se pensamos que a democracia se baseia no protagonismo de todos os cidadãos, que valores pressupõe? De que modo pode evoluir o sistema democrático para garantir a todos voz e participação? Como pode melhorar a lógica da maioria para levar em conta a minoria?

Paulo VI na sua carta *Octogésima adveniens* abre-nos uma fresta: «À luz da doutrina social da Igreja, a democracia está extremamente ligada ao estado de direito e ao conceito integral da pessoa. Uma autêntica democracia exige que se verifiquem as condições necessárias para a promoção seja dos indivíduos mediante a educação e a formação aos verdadeiros ideais, seja da subjetividade na sociedade mediante a criação de estruturas de co-responsabilidade e de participação».

A democracia, portanto, não pode ser entendida apenas no sentido processual. Como recorda o *Compêndio da Doutrina Social* da Igreja, uma autêntica democracia não é apenas o resultado do respeito formal às regras, mas é o fruto da convicta aceitação dos valores que inspiram os processos democráticos: a dignidade de cada pessoa humana, o respeito aos direitos do homem, a assunção do bem comum como fim e critério reguladores da vida política. Se não existe consenso geral sobre tais valores, extravia-se o significado da democracia e a sua estabilidade fica comprometida.

De fato, no número 384 do *Compêndio da Doutrina Social* da Igreja, lemos: «A comunidade política, realidade co-natural aos homens, existe para obter um objetivo de outra forma inatingível: o crescimento pleno de cada um de seus membros, chamados a colaborar de modo estável na realização do bem comum, sob o estímulo de sua tensão natural, para o verdadeiro e para o bem».

A democracia, portanto, tem valor quando, por meio de suas dimensões processuais, ajuda a fazer crescer os indivíduos em plenitude na sua dignidade de pessoa dando voz a todos, também às minorias (lingüísticas, étnicas, religiosas, culturais) em vista da realização do bem comum. Não pode bastar-nos, portanto, apenas a possibilidade do voto.

Talvez hoje as democracias estejam em crise porque não garantem mais o diálogo em torno de valores compartilhados, mas se limitam a apoiar vez por vez centros de poder, sobretudo econômico.

arcristaino@cgfma.org

ENCARTE CENTRAL

25 ANOS: PROJETO ÁFRJCA

África Meridional (AFM)

A Inspecção *Nossa Senhora da Paz* foi erigida canonicamente em 15 de agosto de 1995. Pertencem à inspecção, três países: Zâmbia, com 6 comunidades (Kasama, Lusaka, Lusaka-Makeni, Mansa, Luwingu, Mazabuka); Lesotho, com uma comunidade (Maputsoe); África do Sul, com 5 comunidades (Booyens, Ennerdale, Walkerville, Belhar, Paarl).

AS FMA

Atualmente são 58 as irmãs presentes em 11 comunidades, das quais 8 temporâneas.

As obras principais

As irmãs prestam o seu serviço em muitos campos: Escolas formais e informais, Cursos profissionais, Promoção da mulher, Catequese, Oratório e Centros Juvenis, Casa-família para adolescentes e crianças em risco, Visitas às aldeias.

Nossas presenças

Maputsoe (Lesotho) – Casa Maria Imaculada

Escola Materna, primária e superior. Cursos profissionalizantes. Oratório. Pastoral juvenil. Catequese paroquial.

Belhar (África do Sul) – Casa São João Bosco

Escola materna. Catequese e pastoral juvenil paroquial. Promoção da mulher.

Joanesburgo (África do Sul) – Casa Maria Auxiliadora

Escola materna. Catequese e pastoral juvenil. Coordenação da catequese em nível nacional.

Joanesburgo (África do Sul) – Casa B. Laura Vicuña

Escola materna. Escola de alfabetização. Cursos profissionalizantes. Catequese. Pastoral juvenil. Obras paroquiais. Promoção humana.

Paarl (África do Sul) – Casa S. Maria D. Mazzarello

Escola materna e primária diocesana. Oratório. Catequese. Serviços paroquiais. Cooperadores salesianos.

Walkerville (África do Sul) – Casa N. S. de Clonlea

Atividade inspetorial. Noviciado. Pastoral juvenil. Obras paroquiais. Promoção da mulher.

Kasama (Zâmbia) – Casa B. Laura Vicuña

Aspirantado. Postulado. Escola secundária. Cursos Profissionalizantes. Oratório. Centro Juvenil promocional. Catequese nas aldeias.

Lusaka (Zâmbia) – Casa Maria Auxiliadora

Escola de alfabetização. Cursos Profissionalizantes. Oratório e catequese paroquial.

Lusaka Makeni (Zâmbia) – Casa N. S. da Esperança

Casa-família para meninas. Escola de alfabetização. Cursos profissionalizantes. Catequese. Pastoral juvenil. Promoção da mulher.

Luwingu (Zâmbia) – Casa São José

Escola de alfabetização. Oratório paroquial. Atividades promocionais para mulher.

Mansa (Zâmbia) – Casa São João Bosco

Escola de alfabetização. Oratório paroquial. Pastoral juvenil. Promoção da mulher.

**Pode-se ajudar um boi a levantar-se se ele mesmo se esforça para fazê-lo.
(Provérbio Sul-africano)**

Jovem.com

Você usa *YouTube*?



Lucy Roces

Maria Antonia Chinello

A Rainha da Inglaterra *baixou* um. Os participantes do *World Economic Forum 2008 baixaram* uma centena. Há também um de jovens que dançam a *break-dance* para João Paulo II. O que *baixa* toda esta gente? Vídeos!

Nos últimos anos, os sites do *social networking* como *YouTube* fazem grande sucesso. Como rede social, *YouTube* habilita a fazer amizade e a criar grupo. É um canal para a aprendizagem informal, pois, oferece informações gerais em vídeos (dos discursos de Hitler às apresentações musicais raras, das lições sobre como tocar piano, aos vídeos-clip de professores com suas aulas, etc.).

Ontem e hoje

YouTube tem pouco mais de dois anos e viu um crescimento fenomenal. Os seus fundadores, Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim tiveram uma idéia simples, que se converteu numa empresa de um bilhão de dólares: criar um site onde os usuários pudessem baixar e compartilhar vídeos. O primeiro clip foi publicado em 23 de abril de 2005. Cerca de um ano depois, em maio de 2006, *YouTube* já agregava 43% de todos os vídeos vistos na Internet. Em julho do mesmo ano, os navegadores da Rede haviam visualizado 100 milhões de vídeos.

Em torno do site nasceu uma comunidade virtual, que abriu caminho para movimentos on-line, que aos poucos povoaram a *web* com expressões, cores, sons e idiomas de todo o mundo (um dentre os mais famosos, foi a *Campanha para os abraços gratuitos*).

Das estatísticas emerge que *YouTube* recebe cerca de 13 milhões de contatos por mês e, na classificação, é o terceiro site mais visitado no mundo, mas conservando de modo absoluto o primeiro lugar como site para a partilha de material audiovisual. É também por isso que *Google* (o maior motor de busca on-line) o comprou por 1.65 bilhões de dólares em ações: um investimento não tanto sobre a tecnologia, quanto sobre uma comunidade virtual com milhões de usuários.

Pesquisas sobre o uso social da Rede afirmam que 70% dos que têm menos de 30 anos usaram o site para compartilhar os próprios produtos vídeos.

Jovens e YouTube

YouTube é uma modalidade de comunicação dos adolescentes e dos jovens adultos: é o seu mundo em *frame* e *clip*. Um ambiente, então, somente para os muito jovens ou...?

Embora haja jovens que utilizam *YouTube* para *carregar* vídeos com conteúdos nem sempre corretos e respeitosos com as pessoas (inútil lembrar casos de valentia e de violência que circularam em Rede precisamente por meio deste canal) outros servem-se dele para reforçar laços de amizade com os coetâneos, para pedir e obter ajuda na produção de vídeos-clip, para partilhar e se comunicar com outros companheiros em torno de temas sociais e sentimentais.

YouTube é severo a respeito das condições de uso: a quem não tem ainda 18 anos completos é vetada a participação, a não ser que os pais o consentam; para os/as adolescentes que têm 13 anos é permitida apenas a navegação, enquanto não é adaptado aos menores.

Enquanto os pais se preocupam com a adequação de algum vídeo do *YouTube*, o site remove os vídeos-clip que os usuários retêm discutíveis, por meio da votação de cada produto. *YouTube* é, portanto, um *assunto de família*: os pais têm a possibilidade de compreender as experiências dos filhos, participando e ajudando-os a produzir vídeos, nos quais às vezes também eles aparecem. A facilidade do uso desta tecnologia que, com poucos cliques permite retomar e publicar em Rede um vídeo, pode tornar mais interessante e fascinante ainda a construção dos velhos álbuns de família. Neste caso, as fotos não são mais fixas, mas estão em movimento e, sobretudo, podem ser partilhadas com... milhões de amigos on-line.

Evangelização e YouTube

São numerosas as organizações católicas que utilizam *YouTube* para fazer navegar em Rede conteúdos de fé, sobretudo para os jovens, mas também para todos os outros "habitantes" da Rede.

O Cardeal Justin Rigali da diocese de Filadélfia foi o primeiro a utilizar este canal com frequência. Durante a quaresma de 2007, semanalmente ofereceu aos seus fiéis vídeos-clip com a reflexão sobre o evangelho intitulado "Viver a Quaresma". O primeiro deles, conseguiu cerca de 3 mil visitas nas primeiras 24 horas e foi um dos cinco vídeos mais vistos no *YouTube*. Outros ofereceram vídeos históricos sobre o Papa Pio XII, Padre Pio. *YouTube* foi utilizado por alguns leigos para revelar deslizos litúrgicos por parte de sacerdotes.

Uma Filha de São Paulo preparou um clip para comemorar o primeiro aniversário da morte de João Paulo II. Lendo os comentários que os usuários da Rede deixaram, comoveu-se porque os jovens a agradeciam por terem podido ver ainda uma vez o rosto do Papa amado.

Dom Bosco sorri (sem dúvida) satisfeito com as palavras do Cardeal Rigali: «*You Tube* é uma tentativa de comunicar com toda gente princípios evangélicos importantes. Queremos que a mensagem do evangelho, de Cristo e da Igreja se difunda. Bendizemos a Providência de Deus que nos dá estes meios para comunicar»... e, chegando ainda mais longe, para tocar o coração dos jovens.

Então, até a vista no *YouTube*!

mac@cgfma.org
Imroces@gmail.com



Diário no "Second Life"

Eis-me novamente no SL (estais lembrados? Quer dizer *Second Life*). Uma amiga me disse para experimentar em Milão, no *Matrix Disco Fun Dance*... Eis... Comando "Teleport" e... cheguei! Não há muita gente: será que é rápido? Seja como for, aventuremo-nos. Eis Cristalle que fala só Francês. Como fazer? Nada de medo, já encontrou a solução: há BUBBLER um tradutor simultâneo com o uso do teclado e assim posso trocar algumas palavras. Também ela está em busca de companhia: juntas decidimos ir ao *London Shop*... mesmo com algum imprevisto.

Estou ainda um pouco desajeitada ao dedilhar as teclas flexa do teclado do computador... e assim várias vezes fui de encontro aos telhados, pressionei meu joelho contra o muro... mas, contusões à parte, depois de ter tomado também um "banho de mar"... eis-me no centro comercial. Espaço apinhado, muitas lojas de roupas... *Cristalle* vai embora e eu procuro ligar-me com *Melodie*, que parece não me ver, ocupada como está à procura de um vestido... Há tantos e de variados modelos... quero ver quanto custam. Mas, como chegar ao último andar das ofertas: eis FLY, porque em SL pode-se voar... Há trajes de 400, 350 até mesmo de 700 dólares... Infelizmente não tenho muito crédito à disposição, é melhor não cair na tentação.

Mudo de espaço, eis-me no *World Trade Memorial de NYC*. Lá está James que me interpela: Vem da Califórnia e trabalha em Oregon. Não acredita que "sou" de Roma... Também para ele, são as primeiras vezes no SL e vem para obter informações, encontrar clientes (trabalha no setor de eletrônica), mas também por curiosidade.

Conversamos um pouco, batemos uma foto-recordação e... depois, em frente, para o Japão, mas... há muita gente, não posso pousar... Ficaré para a próxima vez. Prometo. *Adelphie Pastorelli*

O PONTO

Uma mulher que plantava árvores

Anna Rita Cristaino

O Quênia era considerado um país estável, um "ponto de referência" para toda a África. Infelizmente a violência que irrompeu depois das últimas eleições sem que os líderes políticos conseguissem dialogar, deixaram em aberto muitos questionamentos.

As crises sempre trazem algumas lições e o Quênia tem a oportunidade de sair desta crise, mais unido que antes, com uma grande possibilidade de passar de um país com 42 etnias diferentes a uma nação coesa.

Wangari Maathai, natural do Quênia, prêmio Nobel da paz em 2004, falando sobre a crise de seu país declarou:

«É verdade que a tensão étnica não é um vulcão que entra em erupção de repente, é uma impulsão que estava se acumulando desde as eleições de 2003, mas explodiu porque a comissão eleitoral não fez um bom trabalho. Para mim a confiança e o sentido de responsabilidade são valores universais: quando não são cultivados de maneira adequada nascem crises como esta que perpassa o Quênia. A democracia é um processo delicado e requer lideranças à altura. Políticos que deixem de lado as ambições pessoais, para atender ao bem comum».

A sua luta pela paz, pela igualdade e defesa dos direitos da mulher, teve início plantando árvores. Em 5 de junho de 1977 por ocasião da Jornada mundial do meio ambiente, conta Wangari: «Plantamos 7 árvores em honra de 7 antepassados de etnias diferentes no parque Kamukunji: era o primeiro cinturão verde».

Nos anos entre 1978 e 1982 nasce o *Green Belt Movement*. Milhares de árvores plantadas para restaurar o panorama natural que estava se deteriorando.

Wangari Maathai é uma mulher tenaz que, não obstante tantas tentativas de sabotagem, consegue fazer valer os seus direitos e os direitos das mulheres e dos pobres.

Disse de si mesma: «Cresci pensando que a sociedade seja intrinsecamente boa e que em geral as pessoas agem buscando o melhor. Creio que estar orientados para confiar nos outros e cultivar uma postura positiva em relação à vida e aos seres humanos seja absolutamente salutar, não apenas em função da serenidade pessoal, mas também para promover uma mudança na sociedade».

A respeito de sua luta pelo ambiente, sustenta: «Aqueles que testemunham a degradação ambiental e os sofrimentos que daí derivam não podem permitir-se adiar e conformar-se com os resultados obtidos. Perseveremos em nossa inquietação; se nos carregamos de fato com este fardo pesado, não podemos fazer outra coisa senão agir. Não podemos deter-nos ou ceder. Pelas gerações presentes e pelas futuras de todas as espécies, devemos levantar-nos e caminhar».

Convite que sentimos voltado atualmente às jovens gerações do Quênia, que representam 80% da população e que podem mudar o curso da história se não se venderem aos poderosos, mas unidos, iniciarem um diálogo entre as diversas etnias, em vista do futuro.

arcristaino@cgfma.org

ESTANTE **WWW•SITES** - *Anna Mariani*

Indicação de sites interessantes

www.aidonlus.it

A A.I.D. *onlus* é uma Associação Internacional para Mulheres, *I.W.A. International Women Association*. Nasce em Roma em 2004 como serviço de utilidade pública com o fim de promover a saúde física e mental da Mulher e da Criança. Ocupa-se, além disso, com vários assuntos não atinentes especificamente à área médica especializada, com o objetivo de promover tudo aquilo que diz respeito ao mundo da Mulher e da Criança; uma particular atenção é reservada às problemáticas mentais dos religiosos e das religiosas. A A.I.D. organiza cursos e seminários todos eles desenvolvidos pela área médica, paramédica ou por outras perícias profissionais, sempre de altíssimo nível.

www.combonifem.it

Combonifem é um site que se vale dos testemunhos das Combonianas presentes nas mais diversas situações humanas – com a colaboração das/os jornalistas, correspondentes, opinantes leigos. O seu escopo é informar sobre as lutas pelos direitos humanos, sobre as situações de emergência, as conquistas e as contribuições de mulheres que ocupam postos importantes e o seu empenho para transformar a sociedade. O site acolhe e faz conhecer experiências, contribuições e opiniões de pessoas com expressões culturais e tradições religiosas diferentes – na Itália como nos

outros países do mundo – no respeito à pluralidade dos vários percursos humanos. Valoriza particularmente a contribuição das mulheres dos países onde as combonianas trabalham: Bahrein, Brasil, Camarão, Colômbia, Costa Rica, Equador, Egito, Eritreia, Etiópia, Quênia, Alemanha, Inglaterra, Jordânia, Guatemala, Israel, Itália, México, Moçambique, Peru, Polónia, Portugal, República Centro-africana, República Democrática do Congo, Espanha, Estados Unidos da América, Sudão, Togo, Uganda, Zâmbia.

www.mujiresdenegro.org

Nós ***Mulheres de preto*** é uma **rede internacional de mulheres contra a guerra**. Repudiamos toda forma de guerra, de terrorismo, de fundamentalismo e de violação dos direitos humanos e civis das crianças, das mulheres e dos homens cidadãos do mundo. Buscamos práticas não violentas para a mediação dos conflitos e promovemos a “diplomacia a partir da base”. A finalidade do site é construir um espaço de **relação direta com as mulheres dos lugares difíceis**: palestinas, israelenses, das terras balcânicas, afegãs, paquistanesas, curdas, turcas, algerianas,... para “habitar” juntos experimentando limites e conflitos a fim de confirmar uma política internacional das mulheres, para que os homens e as mulheres do mundo estejam livres da guerra, violência e pobreza.

comunicazione@fmairo.net

VÍDEO - *Mariolina Parenteler*

“Rosso Malpelo”

Pasquale Scimeca – Itália – 2007

Selecionado pelo Giffoni Film Festival 2007, juntamente com o prêmio Amnesty International obteve uma “Menção Honrosa” da Associação CGS (Cine-círculos Juvenis Salesianos), presente em nível nacional com 45 participantes. Na sua “Menção” o CGS escolheu o filme “pela direção, cenografia, esplêndida interpretação dos atores não profissionais, pelos temas tratados, que denunciam a atualidade da exploração do trabalho do menor”. Sublinhou, além disso, o empenho dos produtores do filme em apoio ao projeto “*Cem Escolas adotam mil crianças*”, destinado aos menores explorados nas minas de estanho e prata em dois municípios de Potosi, na Bolívia: Atocha e Cotogaita, prevalentemente povoados por indígenas da etnia Quéchua. A Associação CGS vinculou-se também para aderir ao projeto por meio dos cem Cine-círculos com os quais está presente no território italiano, para promover a circulação da obra em cada realidade local, nas escolas e nas salas de Comunidade.

Por ocasião da “Jornada para os direitos da infância e da adolescência”, o Ministério da Solidariedade Social lançou a semana “Rosso Malpelo” (20-25 de novembro de 2007), envolvendo quinze cidades italianas que, em adesão aos objetivos do projeto “*salvemos as crianças da escravidão do trabalho*”, organizaram a projeção pública do filme nas escolas secundárias de 1º e 2º grau. Exibido a partir de março de 2007, o filme já foi visto por 130 escolas italianas com uma entrada de 100.826 euros (dado atualizado em 27/01/2008).

O projeto continuará por 3 anos como foi previsto, destinando todo o lucro aos objetivos pré-fixados. Informações mais detalhadas podem ser obtidas no site www.rossomalpelofilm.it

Dos bancos das escolas para a vida real

Pasquale Scimeca é um diretor italiano nascido em Aliminusa (Palermo), em 1º de fevereiro de 1956. Com esta sua última obra dirige-se intencionalmente às escolas para **sensibilizá-las** por meio de uma singular reconsideração cinematográfica da célebre novela Verguiana. Segundo os dados fornecidos pela UNICEF hoje no mundo há 218 milhões de crianças que trabalham. O próprio Scimeca confirmou este número na conferência de imprensa na qual apresenta o filme.

Depois de uma longa experiência como documentarista em torno de temas urgentes em sua terra, após os afrescos do mundo rural com as suas lutas, nobremente narradas em longas metragens que chamaram a atenção da crítica e do público ("A noite de São Sebastião, de 93", "Os Bandidos de Zabut, de 96" e "Plácido Levantar", em 2000), Scimeca descobre os problemas emergentes da globalização e se alinha a todo vapor em favor dos direitos dos mais pobres. «Antes de iniciar este filme – conta o diretor – junto à Cooperativa de produção independente Arbaash filme, estávamos trabalhando em um outro projeto intitulado "Sem terra": um filme a ser rodado no Brasil sobre as condições que estimulam os jovens a deixar os campos para transformar-se em "Meninos de rua" nas Favelas do Rio de Janeiro. Quando a Comunidade Européia destinou uma contribuição para a Promoção dos Parques Naturais das velhas minas – dos quais Sperlinga-Grottacalda (Enna) resulta um dos mais expressivos investimentos da arqueologia industrial existente no Sul da Itália – o contato que tínhamos vivido com experiências de vida tão atroz e as condições desumanas da exploração do menor das minas na América do Sul, levaram-nos a utilizá-la. Consideramos Grottalca o "set natural" para a retomada de Rosso Malpelo escolhido como sujeito do filme, mas achamos necessário em nossa busca superar a dimensão "naturalista" querida por Verga e passar para uma leitura "trágica" e universal. Ou seja, uma "reconsideração" que seguindo a corrente do neo-realismo de Visconti e Rossellini, se tornasse "metáfora" da exploração das crianças ainda obrigadas a trabalhar nas minas. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) hoje, são ainda mais de um milhão. Para chegar a atingir o primeiro objetivo, ou seja cinquenta mil euros para mil crianças, decidimos partir das escolas "onde estão os jovens, os professores, os diretores, uma bela faixa daquela sociedade civil que gostaríamos que se indignasse e onde, por outro lado, Rosso Malpelo é estudado nos livros-textos". Cada escola, com a arrecadação dos bilhetes vendidos, adotará uma criança libertada da escravidão do trabalho nas minas».

PARA FAZER PENSAR

Sobre a idéia do filme:

- ***Filmar a partir do verdadeiro para narrar "o verdadeiro". A tragédia não tem tempo, não tem história e como a mina se precipita nas vísceras da terra que se tornam a metáfora terrível da escuridão que engole ou que esconde tantos mortos inocentes.***

O "set natural" do complexo que incorpora as duas minas de enxofre em Grottacalda, deixa ainda bem visíveis e dramaticamente evocativos os corredores utilizados na época pré-industrial para chegar à jazida. São longos corredores com um metro de largura e um metro e meio de altura. Nestas condições explica o diretor, não se podem escolher molduras, colocar luz, montar carrinho, fazer brilhar lantejoulas... como pode acontecer em cada set artificial. O cinema nestes casos «desiste de ser ficção, espetáculo, entretenimento que fascina com efeitos estéticos e/ou comerciáveis. Torna a ser Verdade, documento, vida. Aconteceu que, por falta de espaço e de ambiente em alguma cena precisou-se rodar jogando no chão a máquina de filmar, deixando-a só com o ator».

Sobre o sonho do filme

- ***Uma história de ontem para um cinema socialmente útil hoje. O "Malopilu" de Scimeca é uma obra totalmente dedicada à infância renegada, um pedido de ajuda dirigido ao espectador e uma declaração de amor apaixonado por todas as infâncias difíceis e solitárias, vítimas desesperadas, enraivecidas e/ou resignadas do planeta.***

Sem medo de enfrentar um assunto que hoje parece acessível somente em termos retóricos ou segundo os módulos de um rigoroso empenho sociológico, o diretor siciliano representa, de maneira fortemente simbólica e densamente realística, a humanidade e a doçura, o mistério e a dureza da vida infantil tão dificilmente observável do ponto de vista adulto.

Uma obra muito triste. Uma denúncia da "escuridão" que envolve muitas crianças no mundo. O estilo é enxuto, o olhar é ético, a perspectiva é árida como os corações dos personagens desafortunados que habitam esta "fábula" cruel, infelizmente desde sempre atual. Belíssimo o seu final: Rosso Malpelo encaminha-se para o túnel da mina consciente de estar indo ao encontro da morte, mas a um certo ponto, volta-se e nos olha. Olha o público para lançar tacitamente o seu apelo/mensagem final: "Agora sabes" – parece dizer – "O que me acontecerá depende também de ti". E, juntamente com o diretor conclui procedendo com decisão. "Vês?" juntam os fotogramas com os títulos anexos que se sucedem: **"O filme não termina. Começa agora, com aquilo que farás a partir dele"**.

mariol@fmaitalia.it

ESTANTE VÍDEOS - *Marionina Parenteler*

Neste mundo livre

Ken Loach

ITÁLIA – GB – ALEMANHA – ESPANHA 2007

Apresentado em concurso no último Festival de Veneza, é o novo filme de Ken Loach. Com este filme ele nos reporta à Inglaterra: Angie é uma jovem mulher divorciada, com um filho de onze anos, Jamie, que vive com os avós. Despedida sem pré-aviso por uma agência para a qual procurava mão de obra proveniente dos países do Oriente, decide trabalhar por conta própria. Junto com a amiga Rose cria uma agência de recrutamento, que administração em dupla. Mas o confronto com a realidade da imigração – clandestina e não clandestina – lhe imporá escolhas nem sempre tão "éticas".

Assim, depois de 'Pão e Rosas' no qual falava dos imigrantes mexicanos em Los Angeles, 'Um beijo apaixonado' no qual narrava a segunda geração dos imigrantes paquistaneses, agora o habilíssimo Ken Loach sintoniza com a crescente exploração dos trabalhadores estrangeiros na Grã Bretanha. Ao consagrado e intrépido diretor de setenta anos, é feita a pergunta: «Que reações sociais se espera e se deseja obter?». Ele responde: «Sei muito bem que por parte do poder não serei aplaudido, antes, serei acusado de provocação. Mas a finalidade não é provocar, nem subverter o povo com histórias exageradas. De resto, a realidade da exploração não é uma novidade. Todos, em nossa vida de cada dia, podemos tocá-la, basta entrar num supermercado, nas cozinhas dos restaurantes, nos porões de um albergue.

O filme quer ser um desafio às certezas consolidadas de que a falta de escrúpulos empresariais e a busca do lucro a todo custo hoje sejam essenciais à economia e ao progresso. Que a competição impiedosa seja um valor, que tudo, também os seres humanos estejam à mercê das

trocas no mercado mundial. Não penso que seja este o único modo de viver possível e se o filme conseguir fazer alguém refletir sobre a possibilidade de encontrar caminhos diferentes e uma comunicação mais humana, terei atingido o objetivo». Final belo, severo e útil, que se insere no debate aberto sobre os problemas das migrações planetárias e do mercado negro.

Sicko

Michael Moore
USA – 2007

O cartaz italiano para o novo filme do notável diretor Michael Moore sobre o mau cuidado sanitário americano, fala claro: apresenta-o pessoalmente numa sala de espera circundado de esqueletos, enquanto o slogan recita: Se queres estar bem na América não adoeças jamais”.

Clara Ugolini entrevista o diretor na sala de imprensa e entre as múltiplas declarações que recolhe publica sobretudo a seguinte: «Eu espero que o impacto do filme não seja apenas sobre a saúde. Gostaria que chegasse uma mensagem mais ampla. Penso que este filme questiona sobre quem somos nós como seres humanos e porque nos comportamos do modo como nos comportamos. Cinqüenta milhões de americanos sem atendimento sanitário... não é esta a América que quero. Penso que podemos ser melhores que isso».

É uma comédia, com passagens trágicas e passagens grotescas e humoristas sobre 50 milhões de pessoas sem serviço sanitário no país mais rico do mundo, mas também sobre tantos americanos que têm um seguro mas que não chegam, da mesma forma, a conseguir tratamentos.

O filme é também uma viagem para outros países, outros sistemas sanitários da França à Inglaterra, do Canadá a Cuba, onde o diretor chega no momento em que, depois de ter tentado levar alguns doentes voluntários do 11 de setembro a Guantanamo para receber ao menos os cuidados dos presumidos terroristas, ancora em Havana. O episódio resulta para ele em denúncias e procedimentos judiciais, ainda em curso. Formalmente, por haver violado o antigo embargo contra Cuba imposto pelo governo americano – substancialmente, por haver mostrado que a América com o seu capitalismo selvagem não sabe cuidar nem mesmo dos seus heróis civis, enquanto que, em Cuba, dão assistência também aos estrangeiros!

Algumas avaliações do público: “Concordo sobre o fato que faz refletir” – “Talvez parcialmente e em algumas coisas tenha exagerado, mas põe em evidência coisas que devem ser verdadeiramente conhecidas e não perdidas!” – “Queríamos um assim, também na Itália...” – “Devemos lembrar-nos dos direitos de que gozamos e para onde estão procurando levar-nos...”

ESTANTE LIVROS - *Adriana Nepi*

Anjos

Anselm Grun

A figura do anjo representa as múltiplas experiências da proximidade de Deus. Os anjos traduzem em linguagem humana, a eterna linguagem divina. Anselm Grun selecionou os vinte e quatro anjos mais belos pintados com aquarela por Andréas Felger e, inspirado na mensagem bíblica, escreveu a propósito meditações que revelam uma grande sensibilidade.

“Quanto mais as imagens restauradoras da proximidade de Deus – escreve o autor – penetram no meu íntimo, tanto mais posso acreditar que Deus não me deixa só. Deus manda o seu anjo em

todas as situações da minha vida, fazendo de modo que a luz dos anjos penetre em cada abismo da minha alma, a fim de que tudo dentro de mim seja preenchido pelo amor de Deus que cura.

O Cardeal Zen

Michele Ferrero

É a vida de uma simpaticíssima figura de homem, de salesiano e de pastor e nos introduz ao mesmo tempo num mundo sobre o qual, talvez, ainda muito pouco sabemos. A história de José Zen se entrelaça continuamente com os acontecimentos da Igreja e da Congregação salesiana naquele longínquo país. Nascido numa exemplar família cristã, com doze anos o garoto entrou para o florescente aspirantado de Xangai: em poucas páginas autobiográficas ele mesmo nos transmite as lembranças daqueles “anos de paraíso”, e eram os anos terríveis da segunda guerra mundial! Os tempos do sacerdócio e depois do episcopado revelam os traços de uma grande figura de apóstolo. As circunstâncias históricas – como observa no prefácio o Reitor-Mor Dom Chávez – sugerem semelhança a certas situações vividas pelo Fundador: o dever de enfrentar as oposições dos vários poderes, a luta pelos direitos da escola católica, a mediação entre o Papa e as forças políticas do tempo... A recente atribuição da dignidade cardinalícia confirmou o quanto a Igreja é devedora à obra iluminada e corajosa deste digno filho de Dom Bosco. Livro interessantíssimo e de agradável leitura.

Raptado

Giancarlo Bossi

O rapto do Padre Bossi (se bem que tenha tido não poucos precedentes) recebeu um excepcional relevo na mídia. Raptado pelos rebeldes encontrou-se depois... seqüestrado pelos jornalistas e entrevistadores. O livro é fruto, exatamente, de uma longa entrevista, de um trabalho de equipe, dizem-nos, levado avante um pouco aos trancos e barrancos (*“Vocês estão loucos”* foi a primeira reação do protagonista). Daí resulta uma bela figura de missionário (um como tantos), orgulhoso de sua origem camponesa, feliz com a própria vocação. Alguns pequenos episódios bastam para dar idéia da alegre simplicidade de seu modo de viver.

Conta que no seu primeiro giro pelas aldeias, tendo dado a uma criança o único caramelo que possuía, viu-a sair correndo, despedaçá-lo com uma pedra e dar um pedacinho a cada um de seus amigos... “Perguntei-me: o que estou fazendo aqui? Já há tudo!” E lembra divertido que foram as crianças que o ajudaram a aprender a língua: os únicos que riam quando errava...

Interrogado se ainda se sente feliz por ser missionário depois da experiência do rapto, responde: “Sim, porque, antes dos rebeldes, o amor por Cristo e a paixão pelos pobres já me haviam raptado. Digo aos jovens: deixai-vos roubar pelos grandes ideais”

O LIVRO - *Marisa Montalbetti*

Filha do silêncio

KIM EDWARDS

Publicamos a última revisão de texto feita por Ir. Marisa Montalbetti antes de sua morte acontecida em 21 de novembro último. É o nosso modo de demonstrar-lhe mais uma vez o nosso afeto e a nossa gratidão pelo que foi para a revista DMA.

« “Filha do silêncio” é a história dramática e apaixonada de uma família: um verdadeiro e vigoroso romance que se lê num abrir e fechar de olhos. O destino de cada personagem está ligado à decisão de um só, que desorganiza a vida daqueles que ama e destrói a si mesmo. Apenas publicado, o livro começou a escalar as classificações de popularidade e ficar famoso. É imperdível. »

O personagem chave do “suspense” que circula em todo o livro, é o doutor Henry David, um ortopedista de fama casado com Norah. Ela cresceu com o culto da casa e da família. O casal mora num bairro de Kentucky. A narração é construída com blocos cronológicos de 1964 a 1989: uma modalidade funcional para as transformações psicológicas dos personagens no desenrolar de sua história. Tem início numa noite de março de 1964. Para Norah é a hora do parto. Na ausência do obstetra confia-se serenamente ao seu marido. É parto de gêmeos. O primeiro nascido é um menino, Paulo. O segundo, uma menina, Phoebe. Aqui começa o drama. A menina que David tem nas mãos apresenta os sinais evidentes da síndrome de Down. O médico, sem demonstrar como pai, surpresa alguma desagradável, passa a pequena para os braços da enfermeira que o assiste, com uma informação precisa: amanhã a levará ao instituto que ele lhe indica. O leitor já fica informado de que entre os dois aconteceu um episódio que traiu por um instante um sentimento de amor mútuo subitamente cancelado. Na entrevista colocada no final do romance, a escritora definirá “normal” por conta das circunstâncias e do lugar, a decisão do médico. Por ora a enfermeira limita-se a enquadrá-la na lembrança lancinante que aflora na memória de David de sua irmã, morta precocemente devido a uma disfunção cardíaca congênita, e comenta: Não imaginava de que modo estava pondo tudo em perigo”. “Tudo” verdadeiramente, confirmará o prosseguimento da história. Serão necessárias dezenas de anos e um dramático retorno aos lugares onde cresceu, para que a decisão drástica daquela hora, se torne conhecimento que cura. Deverá primeiro ver a mulher afastar-se progressivamente dele até perdê-la com o divórcio e comprometerá o amor profundo de seu filho Paulo. Não o curarão os seus sucessos profissionais, nem sua genialidade fotográfica. Só quando uma perturbadora crise existencial o levar a contar a uma desconhecida o tremendo segredo que guarda dentro de si mesmo, começará um caminho de resgate. Mas nem mesmo a escolha da solidão o desbloqueará para abrir-se com seus familiares. Morrerá, sozinho, de repente, por um infarto cardíaco com o seu segredo não confessado.

Menos dramática, mas não sem sofrimento, a história da mulher Norah. Também ela faz várias experiências de mal-estar. Enganada, por amor, pelo marido sobre a sorte de Phoebe (a pequena morrerá logo depois do nascimento, segundo o que ele lhe havia dito), fica marcada para sempre. Não consegue mais ser a mesma nem consigo, nem com os outros. Por muito tempo esconde vagas insatisfações e um oculto rancor pelo marido. Por sua vez Paulo cresce super-protegido por ela, em adoração a um pai assim tão especial, até que a crise da adolescência e o amadurecimento de um projeto pessoal de vida, o colocam em conflito aberto com o mesmo. Mas David não tem tempo para perceber as mudanças e as necessidades interiores de quem lhe vive ao lado.

O filho Paulo fecha-se em si mesmo e segue o seu caminho. Contra as ambições profissionais de seu pai cultiva as próprias habilidades para a música até se tornar um violinista de sucesso, mas no seu íntimo carrega uma amargura incurável que tangencia o ódio por David, que não soube ser um verdadeiro pai.

O filão narrativo de Carolin Gill, a enfermeira à qual David havia confiado a pequena down, Phoebe, é o oposto em termos de qualidade. Depois de tê-la tirado do ambiente esqualido ao qual o pai a havia destinado, ela a "adota" amorosamente. Cheia de atenções inteligentes e eficazes, ajuda a menina a crescer sem complexos, na mais completa serenidade e naturalidade. Manda esporadicamente para David algumas fotos que ele coleciona secretamente no seu estúdio fotográfico. Na entrevista acima citada, a escritora nos informa que para narrar Carolin, documentou-se longamente e consultou pais com filhos down que se recusaram a aceitar as limitações impostas aos seus filhos. Daí o interesse com o qual se lêem as numerosas páginas do romance sobre o argumento síndrome de Down e sobre a figura edificante, mas não incrível de Carolin. As lutas que a enfermeira excepcional enfrenta com uma determinação heróica, testemunham eficazmente um movimento que agitou a comunidade científica dos Estados Unidos nas décadas entre 1960 e 1990, para que as portas que estivessem fechadas aos down fossem reabertas. Carolin personifica a dedicação total de um amor materno lúcido e generoso que não perde jamais de vista o objetivo: dar a Phoebe a possibilidade de desenvolver o melhor de si mesma ao longo de seu processo de crescimento. E o faz maravilhosamente, passo a passo, sem fazê-la jamais sofrer por ser diferente, até a soleira de uma autonomia que a abre ao amor, ao matrimônio e a um trabalho satisfatório e compensatório. Assim, quando, depois da morte de David, Carolin revela a Norah a verdade de Phoebe e lhe restitui a filha, estabelecem-se novos equilíbrios entre os personagens: Phoebe pode inserir-se sem traumas, nem próprios nem alheios, entre os seus: a mãe "verdadeira" e o gêmeo Paulo.

Pode parecer uma conclusão mágica. Na realidade cada qual sofreu e superou as suas dores. A vida pode recomeçar a fluir mais serena e natural.

CAMILLA

Eu, Mulher

Passando próximo à saída de um estacionamento no centro da cidade vi um manobrista despedir-se de modo insólito de uma senhora não muito jovem, que antes de ligar o motor lhe havia dado uma gorjeta. Com a esquerda o homem recebia o dinheiro, enquanto com a direita oferecia à senhora um ramozinho de mimosa. Logo pensei, é o Dia da mulher. É instrutivo que uma vez por ano a sociedade perceba a presença das mulheres para prestar uma gentileza. Pecado que para os outros 364 (365 se for bissexto) a mulher seja frequentemente ignorada ou – pior – objeto de considerações segundo categorias tais que tornariam augurável e preferível um tranqüilo esquecimento...

Olho em torno: quantos rostos de mulheres pela rua, nos trens, nas repartições públicas, nas fábricas. Atrás de cada rosto existe uma história. História de sonhos ou desilusões; história de extenuantes fadigas, de trabalho ou de sofrimentos tácitos, de esperanças ou de sucesso, de breves momentos de alegria ou de pobreza obsessiva. Há mães atormentadas pela dor, mães que sorriem a um pequeno que esperneia hesitante, mães que vivem na angústia a incorrigibilidade de um filho.

E eu onde estou? Que lugar ocupo entre as mulheres? Não tenho nenhum, mas exatamente por isso, nenhum direito de refugiar-me no porto seguro da minha comunidade, pensando hereticamente que “não toca a mim”... É certo que na minha idade não posso pretender pôr-me a “fazer”, a aventurar-me nas visitas aos vilarejos sem ruas ou aos barracos da periferia, a arrumar as casas pobres de famílias numerosas com mãe doente. Servirei de obstáculo e deverei eu por primeiro ser socorrida ou transportada; e sim deveria mobilizar o guindaste do Gênio civil para retirar-me do pântano no qual regularmente acabarei por “acomodar-me” com a minha pessoazinha toda completa numa embalagem de cachecóis e suéteres.

Mas – eis o mas – quem me impede de viver uma solidariedade diferente com as mulheres que na concreta realidade social de hoje se dedicam de vários modos em favor de outras mulheres? Com as minhas irmãs missionárias em primeiro lugar e com tantas figuras de apóstolas e voluntárias que se desgastam para levar ajuda e conforto, para oferecer calor fraterno e dignidade nova a quem tem necessidade.

Quero aprender a *rezar-da-mulher-para-a-mulher*, a fim de obter a tantas jovens a coragem da coerência cristã e, também, a tantas outras mulheres a forte esperança na assistência de Maria Santíssima, a Mulher que por primeiro conheceu o martírio da dor ao lado do Filho crucificado e que de todas as mulheres é Mãe, Irmã, Amiga e AUXILIADORA.

Camilla.dma@gmail.com

PRÓXIMO NÚMERO**DOSSIÊ:****Migrantes e Refugiados**

Quem é o estrangeiro? A posição e a resposta do Instituto fma

PRIMEIRO PLANO:**Fio de Ariadne**

Acolhida

EM BUSCA:**Cooperação e desenvolvimento**

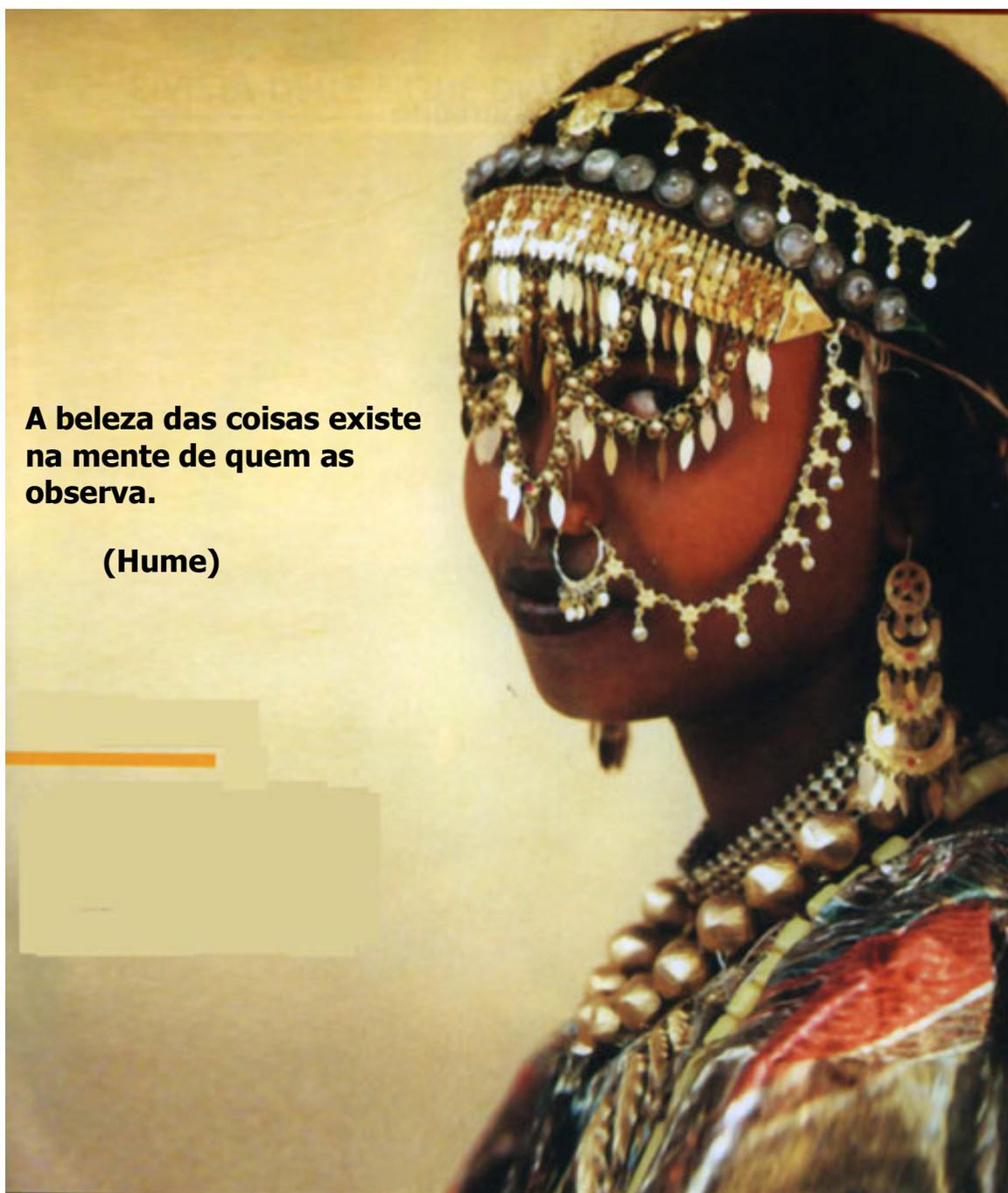
Cisternas pela vida

COMUNICAR:**Jovem.com**

O Cyber Bullismo

**A beleza das coisas existe
na mente de quem as
observa.**

(Hume)



DIREITOS

A maior parte dos catorze milhões de pessoas que morrem a cada ano com doenças infecciosas poderia ainda estar vivendo se tivesse tido à disposição os cuidados sanitários e uma adequada prevenção.

